



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA

ISCED-HUÍLA

**KWAME NKRUMAH E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO  
DO GANA (1945-1960)**

Autor: Francisco Gedeão Domingos

LUBANGO

2022



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA  
ISCED-HUÍLA

**KWAME NKRUMAH E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO  
DO GANA (1945-1960)**

Autor: Francisco Gedeão Domingos

Orientador: Msc. Lucas Tchicoco

LUBANGO

2022



Instituto Superior de Ciência de Educação da Huíla  
ISCED-HUÍLA

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA**

Tenho consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu **FRANCISCO GEDEÃO DOMINGOS**, estudante finalista do Instituto Superior de Ciência de Educação da Huíla (ISCED-HUÍLA) do curso de História, do Departamento de CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, declaro por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, Outubro de 2022

O Autor

Francisco Gedeão Domingos

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à Deus e a todos que contribuíram para a minha formação tal como: familiares, professores, colegas e amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus pelo dom de vida e por ter-me concedido a saúde até ao exacto momento.

Aos meus pais por me terem gerado.

A minha esposa e aos meus filhos por terem-me apoiado nos momentos mais difíceis da formação.

Aos meus colegas, especialmente o meu delegado Venâncio Cataleco João

Aos meus irmãos e minhas irmãs que sempre me ajudaram verticalmente para que eu chegasse até aqui.

O meu Professor e orientador, Msc. **Lucas Tchicoco**, pela paciência, dedicação e pela disponibilidade demonstrada a quando da elaboração deste trabalho. Sem esquecer os outros professores que contribuíram na aquisição deste título desde o 1º ao 4º ano pelos valiosos conhecimentos transmitidos durante esta etapa. Em quinto devo gratidão a todos os não nominalmente mencionados, mas directa ou indirectamente deram o seu apoio para a confirmação daquilo que hoje conseguimos ter neste nosso trabalho.

## **SIGLAS UTILIZADAS**

**CPP** – *Convention People Party*.

**EUA** – Estado Unidos de América.

**ITUCNW** International Trade Union Committee of Negro Workers.

**ONU** – Organização das Nações Unidas.

**OUA** - Organização da União Africana.

**UGCC** - *United Goast Cost Convention*.

**URSS** – União das Repúblicas Socialistas e Soviética.

**WFTU** - World Federation of Trade Unions

**WTC** - World Trade Union Conference

**AOF**- África Ocidental Francesa Sociedade

**SAC**- Sociedade Americana de Colonização

## RESUMO

A execução do presente trabalho, destina-se a figura de **KWAME NKRUMAH E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO DO GANA (1945-1960)**, no qual se utilizou os seguintes métodos: Estatístico; Histórico; Comparativo; Bibliográfico. Estes serviram de guia na prossecução dos objectivos pré-definidos nesta investigação.

O trabalho é de uma natureza descritiva, e está estruturado por três capítulos. O capítulo (I) faz a descrição de um enquadramento teórico, histórico, e geográfico do Gana desde: Economia, Clima, Relevo, Hidrografia, Colonização, Descolonização, Penetração Inglesa, Ocupação efectiva e tantos outros elementos importantes da vida sociopolítica do Gana. O capítulo (II) focalizou os aspectos relacionados com a Vida e Obra de Kwame Nkrumah, considerando-o como um dos percursores do processo da emancipação do Gana, tendo em conta a Influência da Revolução Russa na África e a Segunda Guerra Mundial como factores importantes na vertente da influência externa ao nacionalismo africano. Na sequência da descrição colonial caracterizou-se o estilo da colonização na África Francesa, África Belga, África Inglesa, África Alemã, Italiana e Espanhola; mostrando convergências e divergências dos modelos de colonização de cada potência europeia. A Fundação do UGCC foi fundamental no lançamento formal do nacionalismo ganês por ter agregado pessoas de vários estratos sociais que estavam interessadas com a independência do Gana, sem esquecer o papel de revitalização que Nkrumah tinha dado neste partido, cuja continuação teve o seu ponto crucial com a fundação do Partido da Convenção do Povo (CPP) pelo Nkrumah. O CPP foi determinante no alcance da Independência do Gana devido a popularidade e credibilidade do seu fundador que posteriormente alicerçou a sua política na adopção do socialismo. O capítulo (III) apresentou assuntos quantificados estatisticamente, cujos dados representam a variedade de respostas obtidas aos estudantes definidos como parte seleccionada da população alva desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Nkwame Krumah, Descolonização e Gana.

## **ABSTRACT**

The execution of the present work was done through the Documental method; Historic; Comparative and Bibliographic. These served as a guide in the pursuit of the pre-defined objectives in this investigation.

The work is of a descriptive nature, and is structured by three chapters. Chapter (I) describes a theoretical, historical and geographical framework of Ghana from: Economy, Climate, Relief, Hydrography, Colonization, Decolonization, English Penetration, Effective occupation and many other important elements of Ghana's socio-political life. Chapter (II) focused on aspects related to the Life and Work of Kwame Nkrumah, considering him as one of the forerunners of the process of emancipation in Ghana, taking into account the Influence of the Russian Revolution in Africa and the Second World War as important factors in terms of external influence on African nationalism. Chapter (III) presented statistically quantified subjects, whose data represent the variety of responses obtained from students defined as a selected part of the target population of this research.

Following the colonial description, the style of colonization in French Africa, Belgian Africa, English Africa, German, Italian and Spanish Africa was characterized; showing convergences and divergences of the colonization models of each European power.

The founding of the UGCC was instrumental in formally launching Ghanaian nationalism by bringing together people from various social strata who were interested in Ghanaian independence, without forgetting the revitalizing role that Nkrumah had played in this party, whose continuation had its crux with the founding of the People's Convention Party (CPP) by Nkrumah. The CPP was instrumental in achieving Ghana's independence due to the popularity and credibility of its founder, who later based his policy on the adoption of socialism.

**Keywords:** Nkwame Krumah, Decolonization and Ghana.



## ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS .....	v
SIGLAS UTILIZADAS .....	vi
RESUMO .....	vii
ABSTRACT .....	viii
INTRODUÇÃO .....	2
I - Motivação da Escolha do Tema.....	4
II - Identificação do Problema.....	4
Pergunta científica.....	4
Objecto de Estudo .....	4
Objectivos da Investigação.....	4
Objectivo geral .....	5
Objectivos Específicos .....	5
Importância da Investigação.....	5
Importância do Tema.....	5
Importância Prática.....	5
III- Quadro Metodológico .....	6
Métodos e Técnicas de Pesquisa .....	6
Tipo de Investigação .....	7
IV- Campo de Acção .....	7
<b>CAPITULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO GANA.....</b>	<b>9</b>
1.1 – Estado de Arte.....	9
1.2 – Enquadramento Histórico do Gana .....	13
1.2.1 – Economia do Gana.....	14
1.3 – Enquadramento Geográfico do Gana.....	15
1.3.1 – Clima do Gana.....	16
1.3.2 – Relevo do Gana .....	16
1.3.3 – Hidrografia do Gana.....	16
1.4 – Colonização Versos Descolonização da África Ocidental .....	17
1.5 – A Penetração Inglesa no Gana.....	19
1.6 – A Ocupação Colonial Efectiva no Gana .....	20

<b>CAPÍTULO II: O PAPEL DE KWAME NKRUMAH DURANTE O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO GANA, EX-COSTA DE OURO.....</b>	<b>24</b>
2.1 – Vida e Obra de Kwame Nkrumah.....	24
2.2 – A Influência da Revolução Russa na África.....	26
2.3 – Segunda Guerra Mundial.....	28
2.4 – O Nacionalismo Africano e as Influências Externas.....	29
2.4.1 – África Francesa.....	32
2.4.2 – África Belga.....	32
2.4.3 – África Inglesa.....	33
2.4.4 - África Alemã, Italianas e Espanhola.....	33
2.4.5 -Os modelos de colonização.....	34
2.5 – A Fundação do UGCC.....	34
2.6 – A fundação do Partido da Convenção do Povo (CPP) pelo Nkrumah.....	36
2.7 – Pan-Africanismo.....	38
2.8 – O Congresso Pan-africano de 1945 em Manchester.....	40
2.8.1 –A Independência do Gana.....	43
2.8.2 – O Socialismo Adoptado pelo Nkrumah.....	45
2.9 – A Influência do Nkrumah no auge de 1960 como Ano de África.....	47
<b>CAPÍTULO III- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..</b>	<b>52</b>
3.1- Preliminares da Investigação.....	52
3.2- População.....	52
3.2.1- Amostra.....	52
3.2.2- Caracterização da Amostra.....	52
3.2.3- Análise e apresentação dos resultados dos inquéritos feitos.....	54
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

A presente investigação tem como tema: **KWAME NKRUMAH E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO DO GANA (1945-1960)**. A história tem como finalidade encaminhar os acontecimentos políticos, económicos, sociais, religiosos e científicos, que provocaram transformações importantes na sociedade. Estes acontecimentos importantes são chamados de factos históricos, e que para conhece-los e compreende-los é necessário percorrer nas marcas ou vestígios deixados pelos homens no passado nos locais onde viveram ou passaram e estas marcas ou vestígios são fontes históricas.

O processo de descolonização do Gana esteve amplamente ligado a figura do Kwame Nkrumah, que foi, para muitos, um grande defensor do pan-africanismo, numa permanente luta contra o que considerava a “balcanização” de África, ou seja, a sua fragmentação em pequenos Estados, como estratégia imperialista de dominação sobre o continente. Esta tese é apresentada profundamente e desenvolvida em África à testa da célebre frase. “África deve unir-se”. Nkrumah recebe uma educação privilegiada para a época, passando pelas mais prestigiadas escolas de Acra. Em 1935 rumo aos Estados Unidos da América onde estuda e se diploma em áreas como arte, teologia, filosofia e educação.

Em 1945, ajudou a organizar o sexto Congresso Pan-Africano em Manchester. Em 1947 regressa ao Gana para assumir o cargo de Secretário-Geral da Convenção da Costa do Ouro Unida, uma organização partidária da independência das colónias. Nesta nova fase, dedica-se exclusivamente à política e faz um longo périplo pela Serra Leoa, Libéria e Costa do Marfim. Um ano depois, na sequência de protestos contra a carestia de vida, um pouco por todo o território Ganês, é preso por suspeita de envolvimento no processo. Este encarceramento dá uma grande visibilidade a Nkrumah, o que lhe confere, após a libertação pouco tempo depois, o estatuto de líder do movimento juvenil anti-colonial ganês. Passa então muito tempo a viajar dentro do país e utiliza o seu prestígio para trazer para a causa independentista produtores de cacau e mulheres e homens sindicalistas.

Em 1949, depois de todos estes contactos e recrutamentos, une diversos grupos num mesmo partido: a Convenção do Partido Popular. Após muitas negociações infrutíferas com o colono britânico, o novo partido põe de lado a tática diplomática e organiza greves, boicotes e outras táticas de desobediência civil, o que leva, em 1950, o líder do partido a ser novamente preso. Devido às fortes pressões internacionais e internas decorrentes da repressão e do colonialismo, a Inglaterra abandona o Gana. Dá-se a independência do Gana em 1957, e o partido de Nkurumah vence com uma expressão esmagadora as primeiras eleições e o seu líder irá chefiar os destinos do país. Na contínua construção do país se procurou ajuda no bloco comunista e em 1962 foi-lhe atribuído o Prémio Lenine da Paz.

## **I - Motivação da Escolha do Tema**

A libertação completa do continente do domínio colonial e europeu que advogava Nkrumah onde o mesmo persistia na construção de uma política africana comum nas relações com as potências mundiais e restantes Estados; a promoção da unidade intra-continental tendo em conta o Pan-africanismo como elo de ligação de todos países africanos para lutar contra a dominação estrangeira, no caso dos impérios coloniais, ficamos entusiasmados pelas políticas anticoloniais que Nkrumah levava para dentro e fora do continente Africano face ao processo de descolonização, tendo o Gana como país de referência ou da linha de frente ao combate do colonialismo, por isso que escolhemos o referido tema.

## **II - Identificação do Problema**

O século XX foi marcado por grandes transformações de cunho político, económico, social, cultural, tecnológico, industrial e até mesmo do discurso, e um dos grandes eventos desencadeadores destas modificações neste período foi a Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945. Através deste vento muitos países africanos despertavam contra o colonialismo e o Nkrumah aparece concretamente neste período dando um impulso enorme noutros países e graças a este impulso no ano de 1960 muitos países africanos alcançavam as suas independências.

### **Pergunta científica**

Qual foi a importância do Nkrumah e da independência do Gana para outros países do continente Africano?

### **Objecto de Estudo**

O estudo tem como seu objecto de pesquisa a descrição do papel da Nkrumah no processo de descolonização do Gana.

### **Objectivos da Investigação**

Os objectivos de Investigação segundo Marconi & Lakatos (2002), determinam saber com a precisão o que se procura e o que se pretende alcançar. Desta

feita, os objectivos de pesquisa de modo geral são requisitos para desenvolver uma pesquisa assente aos princípios científicos para atingir uma meta.

### **Objectivo geral**

Compreender o processo de descolonização em África através da figura do Kwame Nkrumah.

### **Objectivos Específicos**

- ✓ Descrever o desempenho do Kwame Nkrumah no processo da independência do Gana.
- ✓ Destacar o papel do pan-africanismo como factor influenciador nas independências de outros países Africanos.
- ✓ Mencionar as principais figuras que lutaram contra o colonialismo inglês no Gana.

### **Importância da Investigação**

O presente estudo tem importância social substanciada na valorização do processo do nacionalismo africano sendo uma via única usada para afastar a dominação colonial em África e desta forma será necessário por via desta investigação as presentes gerações entrarem em contacto com as informações do heroísmo dos líderes das guerras de descolonização dos países de África e a partir deste conhecimento passa-se uma educação de respeito destas figuras que lutaram para nossa liberdade.

### **Importância do Tema**

O tema em estudo apresenta uma relevância teórica no momento em que a comunidade académica e a população em geral entrarão em contacto com as informações relacionadas com a prática do nacionalismo africano desenvolvido na figura do Kwame Nkrumah.

### **Importância Prática**

A investigação visa contribuir no esclarecimento de certos aspectos importantes da vida política do Gana e enfatizar o contributo de outros líderes africanos que dedicaram os seus esforços contra a dominação imperialista no

continente Africano para que, os seus países alcançassem as independências e essas acções serão levadas ao conhecimento das comunidades académicas e não académicas para contribuir na divulgação do presente estudo.

### **III- Quadro Metodológico**

O quadro metodológico cumpre a metodologia científica. Método, literalmente significa o caminho para chegar a um fim, é portanto, o caminho em direcção a um objectivo. Metodologia é o estudo do método, ou seja, é o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa (Annoni, 2012).

#### **Métodos e Técnicas de Pesquisa**

Os métodos se interessam pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa, assim sendo, a condução dos mesmos exigem de forma objectiva a aplicação das Técnicas de Pesquisa (Neta, 2017).

Serão utilizados os seguintes métodos: Método bibliográfico, método estatístico, método comparativo e método histórico.

**Método Estatístico** – viabiliza a análise de determinados problemas-chave de forma apurada, sendo que os dados auferidos permitem conclusões qualitativas (Meira, 2021).

**Método bibliográfico** - é utilizável aos registos de informações específicas sobre livros, revistas, apostilas, artigos de jornais, teses de graduação e ajuda verificar título, autor, índice, prefácio ou introdução, editora, número da edição e data de publicação (Galliano, 1979).

**Método Comparativo** – o método comparativo consiste em investigar factos e explicá-los segundo as suas semelhanças e diferenças. Permite a análise de dados concretos e a dedução dos mesmos segundo as suas convergências e divergências de elementos constantes, abstracções gerais, propiciando investigações de carácter indirecto (Leite, 2013).

**Método Histórico** - Tem como pressuposto reconstruir o passado objectivo, distingue as relações sociais de produção das ideias e dos conceitos em parte,



porque é em si uma distinção histórica retrospectiva, geralmente relacionando o passado com o presente e vice e versa (Figalo, 2015).

**Técnicas de Pesquisa** - a técnica serve para registar os dados observados, ordená-los e classificá-los (Gerhardt, 2009).

**Técnicas:** Entrevista e inquérito por questionário.

### **Tipo de Investigação**

De acordo com a natureza do tema, que queremos desenvolver, a nossa abordagem será descritiva, e optaremos pela utilização de uma pesquisa qualitativa, pós de acordo com Leite (2008), o termo pesquisa implica a qualidade estudada através dos seus processos e significações, pós as mesmas não são examináveis experimentalmente, nem mensurável em termos quantitativos, crescimento, intensidade ou frequência.

Por isso o foco da nossa pesquisa vai centrar-se na compreensão das intenções, crenças, opiniões, percepções, representações e concessões que os seres humanos colocam nas suas próprias acções em relação aos outros e como contextos e interacções (Carvalho, 2009, pp. 40-41).

### **IV- Campo de Acção**

O estudo tem como campo de acção a descrição do papel do processo de descolonização do Gana através da figura do Kwame Nkrumah.

**CAPITULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO  
DO GANA**

## **CAPITULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO GANA**

### **1.1 – Estado de Arte**

Para Langa (2020), foi a 6 de Março de 1957, data em que se deu a independência do Gana, a primeira nação africana a conseguir tal feito, que o movimento Pan-Africanista triunfou. Ao tornar-se independente, o Ghana foi um dos países mais batalhadores em prol da descolonização. Nos anos subsequentes, no início da década de 1960, dezenas de países africanos alcançam suas independências, destacando-se: Benin, Burkina Faso, Camarões, Chade, Congo-Kinshasa, Congo-Brazzaville, Gabão, Gâmbia, Madagascar, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal e Somália. Aliado a esse contexto, a criação da ONU em 1945 também contribui para o processo de independência dos países africanos e asiáticos.

Segundo Rodrigues (2016) Kwame Nkrumah foi um dos líderes desta luta de libertação, teve grande envolvimento e participação em congressos internacionais que contestavam a condição de colónia dos países africanos e asiáticos. Em seus discursos, Nkrumah sempre teve a preocupação em informar de maneira geral à condição que se encontrava a África e os africanos no século XX, e a necessidade destes povos em administrar seus países. A participação deste líder em Gana foi de mobilizar a sociedade, ou seja, trabalhadores, proprietários de empresas, estudantes e desempregados, todos aqueles que estavam insatisfeitos com a condição de colonizados, a buscar este direito de liberdade, incentivou greves, passeatas e com discursos que inflamam a sociedade em um só sentido, o da libertação.

A trajectória da ideologia pan-africana como “coluna vertebral” da libertação africana destaca-se no período entre 1950-1965 a partir das acções do dirigente político Kwame Nkrumah. Através de suas atitudes políticas, Nkrumah, introduziu no meio político africano a ideia da unidade africana. Para esse dirigente, a conquista da independência de Gana não tinha sentido senão na perspectiva de uma libertação completa do continente africano. Nesse sentido Nkruma pensou e organizou inúmeras reuniões pan-africanas. Dessa

maneira, essas reuniões foram celebradas na primeira Conferência de Estados Africanos Independentes, realizada em Abril de 1958 na capital de Gana independente, Acra (Paim, 2016).

Estavam presentes a essa reunião com seus respectivos representantes os países, Egito, Etiópia, Gana, Libéria, Marrocos, Sudão e Tunísia, assim como, um número significativo de delegados que haviam participado, em 1945, do V Congresso Pan-africano de Manchester, na ocasião, organizado pelo próprio Nkrumah (Rodrigues Á. C., 2016).

Segundo Mango (2018), a República de Gana, surgida em 1957, foi o primeiro país independente da África a Sul do Sahara. A administração de Kwame Nkrumah, primeiro presidente da República do Gana, intensificou a acção política junto aos outros países do mesmo continente, incluindo os territórios em vias da independência, para aproximar e discutir as questões ligadas à unidade entre os seus povos e o combate ao colonialismo.

Para o autor, a criação da Organização da Unidade Africana (OUA), a 25 de Maio de 1963 com a sede em Adis-Abeba, terá sido muito bem pensada no momento. Isto porque ela abrangia, já na altura, aspectos ligados a esfera política, social e económica. Dada a situação colonial em que uma parte do continente se encontrava, enquanto a maior parte das ex-colónias já tinha conquistado a independência, cresceu a onda de solidariedade entre os Estados africanos contra o colonialismo (Ibidem, 2018).

Langa (2020), a OUA foi criada na reunião da Cúpula dos Estados Africanos Independentes, acontecida em Adis-Abeba, capital da Etiópia, entre os dias 22 e 25 de Maio de 1963, com o objectivo de eliminar a colonização, promover a solidariedade entre os povos e discutir os problemas advindos da descolonização. A organização também buscava a autonomia do continente para resolução dos seus próprios problemas sem interferências externas, além de buscar uma forma de inserção internacional para África. Entre os desafios políticos iniciais que a organização assumiu estavam o fortalecimento dos territórios africanos a nível nacional e internacional, bem como a conquista das independências políticas e económicas, algo que representava uma tarefa

árdua diante da bipolarização, na qual os EUA e a URSS dominavam o cenário político, económico e ideológico mundial.

Segundo Ogot (2010), as lutas de libertação testemunham o despertar do nacionalismo no seio da diáspora africana do Caribe e da América Latina. Para os africanos, não se tratava apenas de uma necessidade de vingança ou de fuga nas montanhas, mas também, e sobretudo, de criar zonas politicamente autónomas, permitindo-lhes defenderem-se contra seus inimigos. Nessas lutas, as religiões africanas, tal como o obeah e o culto vodu, constituíram um importante factor de organização. O Islã desempenhou um papel semelhante, principalmente no norte de África, onde contribuiu em unir povos diferentes.

O nacionalismo africano moderno e o pan-africanismo são manifestações da tendência ao centralismo da inovação e à adopção de grandes projectos, o que significa que pertencem a uma tradição diametralmente oposta à da resistência. Certos historiadores situados “à esquerda” contestam que seja possível estabelecer uma conexão entre a resistência e o nacionalismo, argumentando tratar-se de um artifício intelectual que permitia às minorias dirigentes dos novos Estados, por vezes interesseiras, reivindicar legitimidade revolucionária.

Para Boahen (2010), a oposição africana continuou a se manifestar de várias formas, inclusive tumultos, ataques às escolas das missões, tentativas de impedir que os padres exercessem o seu ofício e até mesmo a morte de um missionário, em Kijabe. Esta oposição à atitude dos missionários a respeito da excisão foi acompanhada pela crescente onda de nacionalismo, que resultou, finalmente, na resistência política aberta ao domínio estrangeiro. A oposição africana continuou a se manifestar de várias formas, inclusive tumultos, ataques às escolas das missões, tentativas de impedir que os padres exercessem o seu ofício e até mesmo a morte de um missionário, em Kijabe. Esta oposição à atitude dos missionários a respeito da excisão foi acompanhada pela crescente onda de nacionalismo, que resultou, finalmente, na resistência política aberta ao domínio estrangeiro.

Contudo, a libertação do Gana insere-se num contexto de um nacionalismo mais plural, cujos acontecimentos que desencadearam os movimentos de luta

contra o colonialismo afiguram-se no decorrer das duas guerras mundiais. Por isso que surge a necessidade inicialmente de distinguir o nacionalismo europeu do século XIX e aquele que a África colonizada experimentou entre as duas guerras mundiais. A guerra estimulou não apenas o nacionalismo africano, mas também o nacionalismo branco, nomeadamente na África do Sul. Ali, a rebelião desencadeada pelos afrikaners foi imediatamente reprimida, porém o mesmo não ocorreu ao estado de espírito que deu origem a ela.<sup>1</sup> A rebelião sul-africana veio a confirmar o que a guerra bôer havia demonstrado - que a solução não residia na força, que o combate deveria ser travado na arena política -. Foi assim que, gerado na guerra dos bôeres, o moderno nacionalismo afrikaner veio à luz durante a rebelião de 1914. Se não tivesse havido a Primeira Guerra Mundial, os bôeres talvez conseguissem adaptar-se melhor à política de conciliação de Botha e de Smuts. A guerra os constrangeu a se organizar, a princípio clandestinamente, no quadro da Afrikaner Broederbond, depois do Partido Nacional ser expurgado (Boahen, 2010).

A situação do nacionalismo evoluiu muito desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em particular, desde que os países da África, tendo alcançado sua independência, começaram a participar activamente da vida da comunidade internacional e dos intercâmbios a ela inerentes. Historiadores, em número crescente, têm-se esforçado em abordar o estudo da África com mais rigor, objectividade e abertura de espírito, empregando obviamente com as devidas precauções fontes africanas originais. No exercício de seu direito à iniciativa histórica, os próprios africanos sentiram profundamente a necessidade de restabelecer, em bases sólidas, a historicidade de suas sociedades (Niane, 2010).

Na África, as aspirações dos Estados e dos grupos que, até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, combateram contra as potências imperialistas europeias e se esforçaram para impedir o estabelecimento do sistema colonial eram essencialmente as mesmas que animavam os movimentos nacionalistas europeus. No entanto, um dos efeitos da guerra foi consolidar as posições das potências imperialistas frente aos defensores da independência e da soberania

---

<sup>1</sup> Obtido de <https://sopra-educacao.com/resistencia-colonial-na-africa-austral-mocambique-africa-do-sul-e-namibia>.

africanas. Apesar da fermentação das ideias que contribuíram para minar o sistema imperialista, a dominação colonial tornou-se uma situação de fato, a ponto de certos autores considerarem o período entre as duas guerras como a “idade de ouro” do colonialismo na África (Boahen, 2010).

Para Boahen (2010), o NCBWA foi, incontestavelmente, o mais interessante dos movimentos nacionalistas jamais surgidos na África ocidental, entre as duas guerras. O movimento foi resultado dos esforços de J. E. Casely Hayford, jurista e intelectual da Costa do Ouro, bem como do dr. Akiwande Savage, da Nigéria; a influência dominante que sempre exerceu não foi a dos chefes tradicionais, mas sim a de membros das profissões liberais, juristas, médicos e empresários. A alma do movimento foi sem dúvida Casely Hayford, cujo idealismo, percepção das realidades políticas e fé na unidade dos povos africanos permitiram que o NCBWA sobrevivesse de 1920 a 1930 e introduzisse na política africana ocidental um tom pan-africanista que só se reencontraria 25 anos depois nos esforços de Kwame Nkrumah.

## **1.2 – Enquadramento Histórico do Gana**

Gana é um País situado na África Ocidental. Conhecido no passado como a Costa do Ouro, o Gana ganhou a sua independência do Reino Unido em 1957, tornando-se o primeiro país da África subsariana a libertar-se do domínio colonial. Hoje, o Gana é considerado um dos países mais estáveis em toda a África Ocidental, fruto de um processo de transição política iniciado em 1992 e que se tem traduzido num constante reforço do sistema democrático e multipartidário, no qual o aparelho judiciário é reconhecido pela sua independência. O ambiente político é ainda mais fortalecido pelas boas classificações que o Gana apresenta em matéria de liberdade de imprensa e de expressão encontrando-se entre os três primeiros países em África nestes rankings, factores que ajudam a compreender o sólido capital social de que o país beneficia, a que acresce a qualidade dos seus recursos humanos. De notar, ainda, que o Gana é dos países de mais baixo risco político em todo o

continente africano e, claramente, o que menor risco político apresenta na região em que se insere: o Golfo da Guiné<sup>2</sup>.

Portugal foi o primeiro a penetrar no Gana por volta do século XV e foi seguido pelo Reino Unido, França, Holanda, Suécia e a Dinamarca. Quando a escravatura foi abolida no começo do século XIX os europeus deram início a procura por zonas alternativas para a prática comercial e de exploração no interior do país. O Reino Unido converteu-se na principal força de dominação da Costa do Ouro.<sup>3</sup>

Nkrumah, o filho desta terra fortaleceu-se como o principal líder das nascentes forças do Gana e do continente africano. Suas denúncias sobre o imperialismo e neo-colonialismo serviram de inspiração a outros países da África. A República de Gana é uma ex-colônia Britânica composta por Costa Dourada; dos protectorados interiores de Ashanti, Territórios do Norte e de tutela do Togoland Britânico.<sup>4</sup>

### **1.2.1 – Economia do Gana**

O carácter sólido e sustentado da sua economia é outra das grandes vantagens do país. Há mais de três décadas que o Gana vem apresentando uma trajectória ininterrupta de crescimento, afirmando-se como modelo para todo o continente. Se entre 1990 e 1999 a economia cresceu a uma média anual de 4,3%, a década seguinte viu este número subir para os 5,6% e para 10,2% entre 2011 e 2013. O ritmo de crescimento pode ter abrandado nos últimos três anos, ainda assim situando-se ligeiramente acima dos 3,7%, mas o país mantém-se entre as economias que mais têm crescido em toda a África Subsariana: é hoje a sétima maior nesta região e a segunda maior do Golfo da Guiné. O *Outlook* permanece positivo para os próximos cinco anos. Esta consolidação do quadro económico tem-se também traduzido na criação de um ambiente de negócios cada vez mais competitivo, no gradual aparecimento de uma classe média e na redução de forma sustentada dos níveis de pobreza<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Obtido de <https://www.ccip.pt/pt/newsletter-internacional/1324-gana-overview>.

<sup>3</sup> Obtido de <https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/gana>

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> Obtido de <https://www.ccip.pt/pt/newsletter-internacional/1324-gana-overview>



Apesar de algumas vulnerabilidades ainda a ser superadas, o Gana apresenta-se hoje ao empresário estrangeiro como um país de oportunidades, uma economia orientada para o crescimento e desenvolvimento, apostada no fomento da iniciativa privada e na diversificação da sua estrutura produtiva<sup>6</sup>.

O Gana é um país bastante rico em recursos naturais, contando com explorações de ouro (45% do total das exportações), diamantes, manganésio e baixote, reservas de pedra de cal e ferro, reservas marítimas de petróleo e gás natural, sal, madeira das florestas tropicais e enormes recursos hídricos para produção de energia eléctrica.

Boubacar N.Keita, diz que o ouro utilizava-se como unidade de troca, era extraído sob forma de papitas e de pó nas regiões meridionais do Bambuk e do Buré, e era levado mais tarde por mercadores especializados (Boubacar N.Keita, História da África Negra,2018, p.179).

A agricultura, que ocupa cerca de 59% da população activa, é a actividade económica mais importante.<sup>7</sup>

### **1.3 – Enquadramento Geográfico do Gana**

Quanto a localização geográfica, o Gana é da África Ocidental e apresenta as seguintes fronteiras: Costa do Marfim no Oeste, Togo no Este, Burquina Faso no Norte e no Sul situa-se o golfo da Guiné.<sup>8</sup>

O Gana está situado no golfo da Guiné, África ocidental, alguns graus apenas a norte do Equador. Cerca de metade do país fica a menos de 152 metros acima do nível do mar, sendo que o ponto mais elevado mede apenas 883m. O país conta com 537km de costa, caracterizados por litorais baixos e arenosos, atrás dos quais se estendem planícies cobertas por vegetação de pequeno porte, intersectada por vários rios, na sua maioria navegáveis apenas por canoas. Mais à Norte se estende uma faixa de floresta tropical húmida e interrompida por colinas densamente florestadas e muitos rios e ribeiros.<sup>9</sup> Esta área,

---

<sup>6</sup> *Ibidem.*

<sup>7</sup> *Ibidem.*

<sup>8</sup> Obtido de [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$gana](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$gana).

<sup>9</sup> Obtido de <https://sopra-educacao.com/gana-localizacao-mapa-significado-historia-relevo-clima-populacao-economia-politica-e-cultura-resumo>.

conhecida como Ashanti, produz muito do cacau, minerais e madeira do país. A norte desta faixa, a altitude varia entre 91 e 396 metros acima do nível do mar e o território está coberto por arbustos baixos, savana e planícies cobertas de erva.<sup>10</sup>

### **1.3.1 – Clima do Gana**

O clima do Gana é tropical. A faixa costeira oriental é morna e reactivamente seca, sendo o canto sudoeste quente e húmido ou contrário do canto Norte que é também quente, porém seco. Existem, no Sul do país, fundamentalmente duas estações chuvosa: (1) entre Maio-Junho e (2) Agosto-Setembro; no norte, as estações das chuvas tendem a fundir-se. Um vento quente de nordeste, o harmadão, sopra em Janeiro e Fevereiro. A precipitação média anual na zona costeira é de cerca de 83 centímetros.<sup>11</sup>

### **1.3.2 – Relevo do Gana**

O Gana apresenta-se predominantemente marcado por extensas planícies e planaltos mais áridos no extremo norte do país, mas cobertos por savanas imediatamente a sul. As florestas tropicais desenvolvem-se ainda mais a sul, mercê das maiores quantidades de precipitação. Possui um elevado número de lagos, de onde se destaca o lago Volta, com 8500 km<sup>2</sup>, criado artificialmente pela barragem de Akozombo.<sup>12</sup>

### **1.3.3 – Hidrografia do Gana**

Gana é atravessada por muitos rios aos quais se juntam lagoas costeiras, o imenso Lago Volta(o maior lago artificial do mundo) e o Lago Bosumtwi , ao sul de Kumasi, que não corre para o mar. Os rios são muito mais densos no sul e sudoeste, mais húmido. No Norte, onde o acesso à água é mais difícil, os rios costumam secar durante a estação seca.

A bacia hidrográfica principal começa no sudoeste da cadeia Akwapim-Togo , segue para nordeste através do planalto Kwahu e depois vira para oeste em direcção à costa da Costa do Marfim. A maioria dos rios localizados ao norte

---

<sup>10</sup> Obtido de <https://wikitravel.org/pt/Gana>.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

dessa linha faz parte da bacia hidrográfica de Volta. Com uma extensão de 1.600 km e drenando uma área de 388.000 km<sup>2</sup>, incluindo 158.000 km<sup>2</sup> em Gana, o Volta e seus afluentes drenam mais de dois terços do país. Ao sul a divisão dos rios são menores e menos interdependentes. Os principais são Pra, Tano, Ankobra, Birim e Densu. Com excepção dos rios que desaguam em lagos ou secam na estação seca, todos os principais rios do país desaguam no Golfo da Guiné, directamente ou como afluente de um rio.<sup>13</sup>

#### **1.4 – Colonização Versos Descolonização da África Ocidental**

A colonização é o acto de colonizar, ou seja, quando pessoas de um determinado país ou região vão para uma outra região (desabitada ou com nativos) para habitar ou explorar. No processo de colonização, ocorre a influência ou transferência cultural dos colonizadores para os colonizados e vice-versa. A descolonização é o repúdio da dominação estrangeira que pode ser feita por consenso, acordos, lutas de resistências ou mesmo por via de guerra quanto as partes não encontram um ponto comum para uma descolonização diplomática ou amigável.

No contexto geral “a descolonização da África ocorreu durante o século XX quando as populações dos territórios africanos ocupados conseguiram expulsar o invasor europeu e assim, conquistar a independência”.<sup>14</sup> O primeiro país africano a ser independente foi a Libéria, em 1847; e o último, a Eritreia, em 1993.

A África Ocidental sofreu a penetração de várias potências coloniais vindas da Europa, dentre as quais destaca-se a colonização britânica ocorrida no final do século XVIII e meados do século XIX. Estes procuraram estabelecer novas colónias na costa e passaram, então, a implantar um sistema administrativo bastante centralizado aos colonos brancos ou, pelos menos, aos representantes da coroa inglesa.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Obtido de [https://pt.frwiki.wiki/wiki/G%C3%A9ographie\\_du\\_Ghana](https://pt.frwiki.wiki/wiki/G%C3%A9ographie_du_Ghana).

<sup>14</sup> Obtido de <https://pt.ketiadaan.com/post/qual-a-relacao-entre-a-partilha-da-africa-com-a-primeira-guerra-mundial>.

<sup>15</sup> Obtido de <http://meioambiente.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/1-223/o-que-e-meridiano-de-greenwich.jpg>

A colonização francesa na África Ocidental deu-se por iniciada no Senegal, isto em 1624, mas não se chegou a formar verdadeiras colônias até, pelo menos, ao século XIX, pois limitavam-se ao tráfico de escravos encaminhados a América Central. Os franceses colonizaram as ilhas Reunião, em 1664, Maurício, em 1718 e as Seychelles, em 1756. Em 1912, os franceses assinaram com o sultão de Marrocos o Tratado de Fez, tornando-se outro protetorado.<sup>16</sup>

Na África Ocidental, a Libéria foi o único país desta região que não foi colonizado por potências europeias. A história da Libéria iniciou-se em princípios do século XIX, quando abolicionistas estadunidenses, reunidos na Sociedade Americana de Colonização (American Colonization Society), compraram de chefes locais uma faixa de terra, próxima à colônia britânica de Serra Leoa, com o objectivo de “repatriar” os negros, nascidos na África ou já no continente americano, que viviam nos Estados Unidos. Entre 1820 e 1821, chegaram as primeiras levas de imigrantes, compostas, principalmente, por cristãos protestantes, atraídos pelas campanhas de retorno à África. Em 1847, foi proclamada uma república independente (Figueiredo, 2011).

No decorrer da primeira etapa, os europeus recorreram ora à diplomacia ora à invasão militar, senão às duas. Em toda a África ocidental, praticamente, é o grande período da corrida aos tratados, seguidos, na maior parte dos casos, de invasões, conquistas e ocupação por exércitos mais ou menos importantes e disciplinados. A conquista e a ocupação europeias na África ocidental alcançaram o apogeu no período 1880 -1900. Jamais o Continente havia conhecido tantas intervenções militares, tantas invasões e campanhas organizadas contra Estados e sociedades da África. Memoráveis, entre outras, foram as campanhas francesas no Sudão ocidental, na Costa do Marfim e no Daomé (atual Benin), entre 1880 e 1898, bem como as dos britânicos no Ashanti (atual Gana), na região do delta do Níger (Nigéria) e no norte da Nigéria, entre 1895 e 1903 (Boahen, 2010).

As Federações da África Ocidental Francesa e continuaram sua existência como "*groupes de territoires*", chefiados por Altos Comissários representantes

---

<sup>16</sup> *Ibidem*.

da República Francesa, assistidos por um Grande Conselho formado de delegados das Assembleias locais de cada território ultramarino. Estas atitudes coloniais desencadeou uma enorme luta contra os europeus que durante muitos séculos dominaram a África Ocidental Francesa (AOF). Nestas lutas de descolonização da Europa destaca-se as figuras de um grau elevado como ícones destas lutas o senhor Kwame Nkrumah contra os ingleses e Sédar Senghor e Anta Diop, ambos do Senegal lutaram tanto para a descolonização do seu país.

### **1.5 – A Penetração Inglesa no Gana**

Entre o final do século XVII e meados do século XIX os Ingleses assumiram a frente da colonização do continente africano. Por serem uma potência económica no período, com os resultados da Revolução Industrial já consolidados, a Inglaterra vai liderar a exploração da África, interferindo, inclusive, na questão da escravidão, levantando a bandeira contra o tráfico atlântico, já em declínio. Assim, encaminham o comércio africano para a exportação do ouro, diamantes e tapetes, marcando a dominação inglesa em seu mercado (Andrade, 2018).

Segundo Carmo (2016) na África Ocidental, antes da colonização dos países europeus, habitavam vários povos. Estes viviam em agrupamentos organizados em torno de um chefe que administrava seu domínio territorial e comercializava e trocava produtos com comerciantes estrangeiros. Ao prosperar as cidades começaram a abrigar uma população que passou a exercer diversas actividades, necessitando, assim de governos cada vez mais complexos. Nessa região floresceram vários reinos e impérios entre eles, o de Gana, Mali e Songai, todos alimentados pelas rotas comerciais. “Nesse território, bem como em outras regiões, sucederam-se, do século VIII ao XVII, vários Estados de significativa riqueza e esplendor.

Os métodos britânicos e franceses registaram muito poucas diferenças a maior parte das quais resultam dos hábitos sociopolíticos dos dois países na Europa. Nos territórios francófonos reinou uma certa forma de *indirect rule* e de separação entre súbditos e cidadãos. As colónias inglesas na África Ocidental

eram territórios com uma larga frente de costa e com cursos inferiores de rios importantes como Gâmbia, Volta e Níger. Estes rios facilitaram na penetração dos ingleses no Gana.<sup>17</sup>

Segundo Rodrigues (2016), o Gana foi colonizado unicamente pela Grã-Bretanha que garantiu a exclusividade no controlo do território, após a retirada de outras nações europeias no final do século XVIII. A partir de 1858 a colónia, na condição de protectorado inglês, passou a ser administrada por um governador, um conselho legislativo e um conselho executivo.

### **1.6 – A Ocupação Colonial Efectiva no Gana**

Antes mesmo da exploração efectiva e da divisão do continente entre os países europeus, expedições foram enviadas à África para o reconhecimento geográfico do território. Já no início do século XIX o governo inglês financiou expedições de reconhecimento para futura exploração.<sup>18</sup>

As nações europeias disputavam territórios em busca da ampliação de sua presença em África. Para resolver esta rivalidade uma convenção foi feita nos anos de 1884 e 1885, a chamada Conferência de Berlim. Foi nesta conferência que aconteceu a Partilha da África entre as nações europeias. Entre as mais beneficiadas, que ficaram com a maior parte do território, estão Inglaterra e França.<sup>19</sup>

Os britânicos fixaram-se em Gana, Gâmbia, Serra Leoa e Nigéria e continuaram a explorar Zanzibar e Egito, este último já controlado pelos britânicos desde 1882. Outro ponto de interesse foi a África Austral, na África do Sul, onde exploraram os diamantes.

O governo britânico pouco se envolvia na administração colonial directa e procuravam não alterar os alicerces dos governos locais, além disso seguiam o princípio da autonomia financeira condição da autonomia política que mantinham. Os representantes ingleses actuavam como intermediários. Eram concedidas liberdades de decisão aos chefes locais que não conflitassem

---

<sup>17</sup> IEDA

<sup>18</sup> Obtido de <https://www.infoescola.com/historia/colonizacao-britanica-na-africa/>

<sup>19</sup> *Ibidem*.

com os interesses da metrópole. Nessas relações Londres sempre tinha direito ao veto, mantendo o poder dos ingleses.<sup>20</sup>

A exploração económica se dava através de companhias comerciais que tinham sede nas metrópoles e ganhavam o direito a exploração do território, mantendo uma boa margem de liberdade em suas acções com os nativos. Essas relações foram marcadas de violência para com os nativos em seu quotidiano.<sup>21</sup>

Entre as companhias inglesas que mais exploraram o continente africano estão a *United African Company* e a *Royal Niger Company*, que exploraram a Costa da Guiné, e a *British South Africa Company*, de *Cecil Rhodes*, presente na África Austral.<sup>22</sup>

Para Lamy (2016) a ocupação efectiva do Gana e também de outros territórios sob domínio estrangeira estaria a ser cumprida depois da Conferência de Berlim que ocorreu em 1885, portanto, o princípio de ocupação efectiva definido na ata final da Conferência de Berlim foi substituído na prática pelo conceito de zonas de influência, do inglês: *spheres of influence* (aparece no acordo anglo-alemão de 29/04/1885), próximo do *hinterl and* alemão. O conceito foi operacionalizado pela prática de assinatura de tratados ou acordos de protectorado com os chefes de territórios africanos. Esses tratados deveriam ser notificados às demais potências e permitiam protelar “por prazos bastante longos, 25 a 30 anos”, a ocupação efectiva do território do estado africano protegido. Sem ocupação efectiva neste período, o tratado se tornaria coisa nula.

Acertadas as regras de ocupação de territórios na África e as modalidades do seu reconhecimento pelas potências colonizadoras europeias, a partilha da África, iniciada antes da Conferência de Berlim pela França e pela Inglaterra, se acelerou. O procedimento para controlar os territórios africanos através da assinatura de tratados de protectorados, que pretendia dar tranquilidade ao processo de ocupação entre os colonizados, provocou uma corrida às aldeias

---

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> Obtido de <https://www.infoescola.com/historia/colonizacao-britanica-na-africa/>

<sup>22</sup> *Ibidem*.

para «chegar primeiro» e «vender protecção e exclusividade de comércio» aos reis locais, e assim, “comprovar” no âmbito internacional europeu a extensão do seu domínio. Isso provocou muitas vezes conflitos entre os colonizadores (Lamy, 2016).

Gomes (2010), formalizada a partilha do bolo colonial africano em Berlim, os conflitos no continente passaram, até ao fim da Segunda Guerra Mundial, a inscrever-se nas estratégias das potências coloniais. Mesmo as guerras de ocupação nos finais do século XIX e princípios do século XX, que a historiografia portuguesa designa, erradamente, por “Campanhas de Pacificação”, apesar de dominadas pela resistência à penetração europeia para o interior, são determinadas por objectivos estratégicos das potências europeias em conflito entre si, na sequência das imposições da conferência que fazia depender o direito de posse da ocupação efectiva, com desprezo total das soberanias africanas tradicionais.

Os burocratas europeus deliberaram, então, a liberdade de navegação à la carte no Congo e no Níger (o Níger é da África Ocidental e desta forma a navegação seria feita da África Central até ao Ocidental), enquanto medida para evitar monopólios comerciais na região, e a consagração do princípio da ocupação efectiva dos territórios do litoral, em detrimento do princípio do direito histórico. São fixadas as fronteiras do Congo em proveito de Leopoldo II da Bélgica e estabeleceu-se um acordo sobre os critérios de futuras anexações em África, ficando claro que a reunião não trataria de questões de soberania ou de reivindicações territoriais, ou seja, excluiu-se o *hinterland*, passível de fazer da potência instalada no litoral, dona do espaço que confinava com o interior. Portanto, o papel da Conferência de Berlim, relativamente à partilha de África e ao desenho de fronteiras, foi limitado, cingindo-se à proclamação de regras, embora tenha lançado as bases para o estabelecimento das fronteiras coloniais, que os Estados europeus redigiram, através de acordos bilaterais, em áreas de influência (Lousada, 2010).



**CAPÍTULO II: O PAPEL DE KWAME NKRUMAH DURANTE O PROCESSO  
DE INDEPENDÊNCIA DO GANA**

## **CAPÍTULO II: O PAPEL DE KWAME NKUMAH DURANTE O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO GANA, EX-COSTA DE OURO**

Visentini (2011), o papel de Gana na política africana é notório, e personificado no pan-africanismo de NKrumah que inspirou dezenas de nações a seguir o rumo da independência da metrópole. De NKrumah também saiu a tradição nacional do não alinhamento com nenhuma grande potência, não sendo permitida a permanência de tropas estrangeiras no país. No entanto, o alinhamento económico da década de noventa aproximou Gana dos EUA e da Inglaterra, processo que se intensificou no governo Kufuor.

No âmbito regional, Gana exerce forte ascendência, sendo um dos principais apoia dorda ECOWAS, Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental. O principal centro de treinamento de tropas de paz da entidade está localizado no país, nas proximidades de Acra. A Nigéria é um de seus principais parceiros regionais, sobretudo no tocante a ECOWAS, bem como, Senegal e Mali. A liderança regional de Gana também pode ser medida pelo papel de liderança exercido pelo presidente Kufuor na conformação do NEPAD, um dos mais importantes projectos para o desenvolvimento do continente, e pela manutenção (Ibidem, 2011).

### **2.1 – Vida e Obra de Kwame Nkrumah**

Nascido no dia 21 de Setembro de 1909 em Nkroful, Gana, Nkrumah foi um pensador e um grande difusor do pan-africanismo. Também foi um grande pregador da necessidade da unidade, mas, no caso, da unidade continental. Porém, é importante salientar que mesmo com essa percepção, Nkrumah não enxerga a luta pela libertação nacional como algo secundário, ou não passível de atenção. Nkrumah segue sua argumentação afirmando que diferentemente do momento anterior à Segunda Guerra Mundial, quando estouraram greves e outras actividades políticas em favor de reformas no modo de colonização, a década de 1940 assistiu ao nascimento de organizações e partidos populares que demandavam a independência política (Malacco, 2018).

Segundo Biney (2007), Kawame Nkrumah, estudou adquiriu educação católica dirigindo-se, posteriormente, para cursar educação superior nos Estados

Unidos e na Inglaterra. Iniciando seus estudos em uma escola, Achimota School, frequentada pelos filhos da elite ganense, Nkrumah frequentou o seminário Católico Romano, ensinando depois em uma escola católica em Axim. Dirigiu-se aos Estados Unidos em 1935 para cursar o bacharelado na Lincoln University, Pensilvânia, onde em 1939 iniciou outros estudos na Fraternidade Fi Beta Sigma, local em que adquiriu o bacharelado em teologia sacra e o grau de mestre em educação.

Quando estudante de graduação N'Kruma teve uma experiência como roteirista de teatro, e deu início a sua produção acadêmica com a publicação de ensaios e artigos sobre o governo colonial na África, no jornal estudantil The Lincolnian. Destacado orador e analista político, Nkrumah chegou a ser eleito presidente da Organização dos Estudantes Africanos no Canadá e nos Estados Unidos da América (OEAC-EUA), local onde, manteve os primeiros contactos com o pensamento pan-africanista e a vertente garveista conhecendo **George Padmore** antes do mesmo dirigir-se para Inglaterra. Em 1943, Nkrumah lançou as bases de sua militância socialista ao entrar em contacto com os marxistas James, Trinidad e Tobago, Raya Dunayevskaya e Grace Lee Boggs – então membros de um grupo de intelectuais trotskistas sediado nos EUA. Chegando a Londres em 1945 com a pretensão de estudar na escola londrina de estudos económicos (London School Economics), Nkrumah reencontra Padmore onde juntos passam a compor a comissão organizadora do V Congresso Pan-africano (Biney, 2007).

Nkrumah foi um dos mentores da Organização da Unidade Africana (OUA) (actual União Africana [UA]) e ficou famoso pela luta pan-africanista, tendo levado o Gana à independência, em 1957, onde chegou a ser primeiro a ocupar os cargos de Primeiro-Ministro e de Presidente, quando, finalmente foi substituído em 1966, por meio de um golpe de Estado.<sup>23</sup>

Após ter conhecido Luther King enquanto estava nos EUA e Dubois, sociólogo pan-africanista e activista de direitos humanos, com quem trocava ideias, Nkrumah passou a inspirar-se na luta de libertação afro-americana. Tempos

---

<sup>23</sup> Obtido de <https://www.dw.com/pt-002/kwame-nkrumah-lutou-por-uma-%C3%A1frica-livre-e-unida/a-42367843>.

depois, enquanto estudava na Grã-Bretanha, veio a cruzar-se com muitos outros africanos que lutaram pela independência de muitas parcelas territoriais no continente berço, como Jomo Kenyatta, Haile Selassie, Julius Nyerere e Rupiah Banda.<sup>24</sup>

O pai da independência do Gana esteve, por 12 anos, fora da sua nação, mas manteve-se fortemente activo em organizações políticas africanas no exterior, quando em 1947, regressou e insurgiu-se contra o domínio colonial. Foi então que fundou o Partido da Convenção do Povo (CPP), cujo *slogan* era «Independência já». Isto fez com que passe a ser visto como uma figura única e especial, sobretudo por não ter pensado simplesmente no Gana, a sua pátria. Nkrumah sonhava com «Estados Unidos de África», o que levou-lhe a proferir, na altura da independência, em 1957, palavras apologistas de que independência de Gana só estaria completa quando estivesse ligada à libertação total de todo o continente africano.<sup>25</sup>

Além do colonialismo, Nkrumah também lutou contra o capitalismo e posicionava-se como um acérrimo defensor de um «socialismo africano» capaz de unir a justiça social às tradições africanas. Mas as maiores dificuldades prendiam-se como a colocação desse ideal em prática, uma vez que as suas próprias abordagens políticas, proferidas no seu próprio país, eram muitas vezes contraditórias ao socialismo sobre o qual escreveu. Contudo, tanto no próprio Gana e sobretudo fora dele, a fulgura de Nkrumah é fortemente associada a defesa vigorosa de uma união política africana, aliás, ideia esta que tomou parte da criação da OUA, actual UA, que o continua reconhecendo como sendo um dos seus fundadores.<sup>26</sup> No entanto, o célebre pan-africanista ganense perdeu a vida a 27 de Abril de 1972, em Bucareste, na Roménia.

## **2.2 – A Influência da Revolução Russa na África**

A Revolução Russa e a Segunda guerra mundial tiveram uma grande influência na emancipação da África na medida em que a ideologia russa se expandiu para África como uma nova forma de pensar a emancipação do povo oprimido

---

<sup>24</sup> *Ibidem.*

<sup>25</sup> *Ibidem.*

<sup>26</sup> *Ibidem.*

pelo imperialismo europeu. Por sua vez a Primeira Guerra Mundial também exerceu a sua influência na medida em abrangeu o tempo da decorrência da revolução russa.

A Revolução Russa foi orientada pela doutrina comunista, desenvolvida pelo filósofo alemão Karl Marx no século XIX, esta doutrina foi complementada e acrescida de um plano estratégico de Vladimir Lenine, o mais importante líder da revolução.

De acordo com Manfred (1978), já na noite de 25 de Outubro e 07 de Novembro de 1917 os operários e soldados marinheiros dirigidos pelo partido Bolchevista, tomaram de assalto o Palácio de Inverno, resistência dos czaristas em Petrogrado e prenderam o governo provisório que aí se tinha refugiado. A Revolução Russa também foi um outro evento singular que encetou o desenvolvimento posterior do quadro social, político e ideológico do século XIX, a Revolução de Outubro iria marcar de modo profundo a evolução das sociedades nacionais e das relações internacionais.

A revolução que implementou um regime socialista soviético influenciou tanto os movimentos de libertação africanos como o tipo de regime pós-independência. A notícia da vitória do proletariado na Rússia trouxe consequências em África. O Egipto levou a cabo uma revolta nacional, em 1919, que pôs fim ao domínio colonial britânico. A Revolução de Outubro de 1917 serviu também como fonte de inspiração para muitos activistas sul-africanos, oprimidos pelo regime colonialista europeu.

Na maioria dos países da África Negra, o espírito da revolução socialista soviética sofreu algum atraso. Principalmente nos países francófonos e lusófonos, a informação não chegou como se podia esperar. Foram noticiados principalmente factos relacionados com as frentes de combate da Primeira Guerra Mundial, na Europa, onde atiradores senegaleses, por exemplo,

combateram pela França. Foram eles que depois manifestam esperança na aquisição da sua própria independência quando regressam ao país.<sup>27</sup>

Para Araújo (2015), a primeira vez que a Rússia interveio militarmente em conflitos na região meridional da África, ainda que não tenha sido directamente, foi há mais de um século, quando cerca de duzentos voluntários russos, incluindo oficiais militares, se juntaram aos Boers na luta contra o Império britânico. Este episódio mostra que além dos eventos da Revolução russa, este país politicamente tem dado o seu apoio diplomático e militar em África, o que de certo modo tem exercido uma enorme influência neste continente.

No entanto, essa participação activa nos conflitos africanos não se desenvolveu verdadeiramente até o período onde a Rússia revolucionária ofereceu as mais importantes possibilidades de suportes financeiros e de trocas com o continente africano, mais exactamente a partir da emergência dos movimentos anticoloniais.<sup>28</sup>

Araújo (2015), aquando da influência da revolução de Outubro de 1917 tem-se a título de exemplo a questão do período entre as duas guerras mundiais onde viu-se a criação do Partido Comunista da África do Sul, em 1921, o qual manteve relações com Moscovo por décadas. O *Comintern* foi a organização responsável por introduzir e mediar os caminhos do Partido pelo universo das experiências soviéticas, e influenciou profunda e por muito tempo o Partido Comunista Sul-Africano.

### **2.3 – Segunda Guerra Mundial**

Em 1914, ano da eclosão da Iª Guerra Mundial, com excepção da Etiópia, da Libéria e da União Sul Africana, que eram independentes, da Líbia e de Marrocos que não tinham sido ainda formalmente conquistados, o resto do continente africano encontrava-se já ocupado e dividido entre o Reino Unido,

---

<sup>27</sup> Obtido de <https://www.dw.com/pt-002/100-anos-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-russa-que-impactos-para-%C3%A1frica/a-41143981>

<sup>28</sup> Obtido de <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427579787.ARQUIVO.Umbalancodainfluenciarusso.africa.kellyaraujo.pdf>.

França, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália e Bélgica.<sup>29</sup>

A segunda guerra mundial, rompeu o silêncio envolvendo a política colonial nos anos 30 e lançou a África em uma nova tormenta. O conflito acelerou a evolução de atitudes que já haviam começado a mudar. Particularmente, na África francesa, novas políticas se desenhavam. Os domínios português e espanhol haviam permanecido muito à margem desta evolução, a península ibérica não se encontrava diretamente engajada na conflagração mundial. (J. Ki-zerbo, história geral da África, p.77).

Apesar da presença europeia em África ter sido bastante expressiva, as potências europeias ainda tentaram chegar a um entendimento por forma conferir neutralidade do continente face à guerra que acabava de eclodir em solo europeu. De modo global, esperava-se que as disposições do Tratado de Berlim (1885) relativas à neutralidade da bacia convencional do Congo permitissem evitar que a guerra se alastrasse à África Ocidental e Central. Nas vésperas da eclosão da referida guerra, são quase inexistentes os registos de tensões entre colonos britânicos e alemães. Na verdade, as guarnições militares da África Oriental britânica e alemã eram pouco expressivas, compreendendo 2.400 oficiais e *askaris* e 216 oficiais e 2 540 *askaris* respectivamente. No entanto, o início do conflito trouxe imediatamente um clima de tensão e suspeita entre as duas comunidades.<sup>30</sup>

A 2ª Guerra Mundial trouxe inúmeros impactos que se fizeram sentir em toda África ao longo dos quatro anos em que ela decorreu. É caso para se poder afirmar que os impactos dessa guerra, quando analisados para além do nível de destruição, se fizeram sentir no quotidiano do continente subjacentes a três razões, fundamentalmente: a primeira tem que ver com o recrutamento das populações africanas; a segunda com o êxodo dos europeus e, por fim, o impacto económico.<sup>31</sup>

#### **2.4 – O Nacionalismo Africano e as Influências Externas**

A ocupação da África teve início nos finais do século XIX e a com ela nascem manifestações de clara oposição à presença europeia no continente. Nas primeiras décadas do séc. XX o nacionalismo africano ficou marcado por pouca

---

<sup>29</sup> Obtido de <https://journals.openedition.org/lerhistoria/721>.

<sup>30</sup> Obtido de <https://pt.ketiadaan.com/gana.localizacao-mapa-significado-historia-releva-clima-populacao-economia-politica-e-cultura-resumo>.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

expressividade, mas a partir da década de 1940, regista-se um considerável crescimento por ter merecido maior propagação e aceitação entre os populares, devido a muitos factores (como a independência dos países americanos e asiáticos, a participação de africanos na Iª Guerra Mundial). Esse grandioso crescimento a nível da aceitação dos ideias nacionalistas africanos conduziu à reconquista da independência dos países do continente.<sup>32</sup>

De salientar que o nacionalismo pode, por via de regra, ser justificável em situação de opressão; quando os elementos identitários de certa nação se encontram aniquilados ou com sério condicionamento do seu gozo provocados por uma por uma força opressora. Nestes termos, o nacionalismo revela-se na mais alta expressão de descontentamento em busca da materialização dos anseios mais profundos das diversas franjas sociais.<sup>33</sup>

Durante a IIª Guerra Mundial centenas de milhares de africanos participaram, ao lado dos europeus, em operações militares bastante específicas. Aliado a isto estão a influência das independências na Ásia e América, bem como a promessa feita pelos governos europeus em momentos de aflição que davam a garantia de que a independência dos países africanos seriam uma realidade imediatamente a seguir ao término da guerra, mas tais promessas não foram cumpridas.<sup>34</sup>

Diante dos eventos mundiais a África tinha que alinhar-se ao apoio das duas superpotências mundiais, no caso da Rússia e EUA. A posição de cada um deles foi divergente correlação os problemas de África: A política dos Estados Unidos da América tinha uma atitude liberal em relação aos problemas africanos, o que se explica pela sua tradicional política anti-colonial e democrática, pelo interesse em impor uma política de «porta aberta» aos territórios africanos com a finalidade de obter novos espaços aplicação de mais investimentos e, então, estancar o avanço russo na região. A URSS adoptou uma política anti-colonial, que teve, no início da sua presença em África, uma

---

<sup>32</sup> Obtido de <http://ead.mined.gov.mz/site/wp-content/uploads/2020/03/Historia4-2%C2%BA-Ciclo.pdf>

<sup>33</sup> Obtido de <https://escolamz.com/o-nacionalismo-africano.html>.

<sup>34</sup> Obtido de <http://ead.mined.gov.mz/site/wp-content/uploads/2020/03/Historia4-2%C2%BA-Ciclo.pdf>.



efectivou-se através dos partidos comunistas das metrópoles, bem como dos sindicatos e associações da mesma índole. Os soviéticos, no entanto, viram a sua intervenção mais aprofundada com o crescimento e aceitação dos movimentos nacionalistas no seio das sociedades africanas.<sup>35</sup>

Nkrumah estava convencido de que nenhum estado poderia resistir individualmente às grandes potências. A arbitrariedade das fronteiras de países anteriormente colonizados também pode provocar guerras. Um amigo pessoal de um membro proeminente do Pan-africanismo, o Caribbean George Padmore, organizava a 6ª e 7ª conferência Pan-africana em 1953 em Kumasi e, em 1958, em Accra, que é também a primeira Conferência de África com Estados independentes de forma volumosa. Além de reivindicar a independência imediata da África, ele defende a formação de uma identidade supranacional: os «Estados Unidos da África», que permitiriam ao continente se tornar uma das maiores forças do mundo.<sup>36</sup>

Na realização pragmática dos apoios externos, a URSS parecia mais viável aos ideais da libertação do continente, é desta feita que o Nkrumah e outros nacionalistas de África adoptaram o socialismo. O socialismo africano foi uma ampla tendência de pensamento, a mais importante da região sul-saariana na época, tanto pelas figuras que a compunham, como pela originalidade das ideias e o reconhecimento intelectual que tiveram (Bellucci, 2021).

Para além dos factores externos descritos, os de índole interna desempenharam um capital papel no que diz respeito a descolonização da África, com destaque a região subsaariana. Dentre eles há que salientar o pedido feito aos africanos que tinham que ver com o envidar de esforços de guerra através do fornecimento de matéria-prima, bem como de alimentos, além da realização de recrutamentos, requisições e trabalhos forçados que pesavam sobre africanos. Com o fim da guerra, os africanos que dela tomaram parte aspiraram gozar da recompensa advinda da descolonização, mas tal não

---

<sup>35</sup> Obtido de <http://escolamz.com/o-nacionalismo-africano.html>.

<sup>36</sup> Obtido de [https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame\\_Nkrumah](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame_Nkrumah).

ocorreu e isso justifica o desencadear de uma reversão de sentimentos – a anterior esperança transformou-se e deu lugar ao sentimento de revolta.<sup>37</sup>

Nkrumah encoraja outros nacionalistas africanos a rejeitar métodos violentos e defendia a ideia de que as duas fases sucessivas de desobediência civil e a colaboração do governo com os colonos é o melhor método para obter a independência. As guerras na Argélia, nos Camarões, nas colónias portuguesas e o golpe de estado contra o governo nacionalista de Patrice Lumumba no Congo não o mudaram e ele continuou a defender esta visão não violenta da luta anticolonial até em 1966.

Na África do Norte, as independências ficaram marcadas pelo golpe de Estado no Egipto, que levou Gamal Abd el-Nasser ao poder em 1954. Na sequência veio a Tunísia e Marrocos em 1956, sendo que a Argélia veio a alcançar a sua independência no ano 1961 (Bellucci, 2021).

#### **2.4.1 – África Francesa**

Na África francesa, após o final da Segunda Guerra Mundial, a França, assim como outros países europeus, estava arrasada e com dificuldade de reprimir os protestos e as rebeliões em suas colónias. Por isso, algumas colónias francesas, como a Tunísia, o Marrocos e a África Equatorial, conquistaram sua independência de forma relativamente «pacífica», por meio de acordo e plebiscitos, mas mesmo nesses países houve disputas políticas e levantes populares. Na Argélia, no entanto, ocorreu um processo violento de independência, em que milhares de pessoas morreram ao longo de oito anos de conflitos armados entre europeus e argelinos (Anjos, 2016).

#### **2.4.2 – África Belga**

No processo de independência das colónias da Bélgica houve a importante participação da população por meio da organização de partidos e da mobilização por direitos políticos. Houve diversos confrontos de rua em que membros de grupos étnicos rivais lutaram entre si, instigados pelos colonizadores. Essa estratégia dos belgas provocou muitas mortes e

---

<sup>37</sup> Obtido de <http://ead.mined.gov.mz/site/wp-content/uploads/2020/03/Historia4-2%C2%BA-Ciclo.pdf>.

desestabilizou o movimento de emancipação política. a independência do Congo foi decidida em uma conferencia realizada na cidade de Bruxelas, na Bélgica, em Janeiro de 1960. Nessa ocasião, autoridades belgas e chefes políticos congolezes estabeleceram a data de 30 de Junho de 1960 para a saída dos colonizadores do país.<sup>38</sup>

### **2.4.3 – África Inglesa**

Nas colónias inglesas, o sistema de administração colonial era indirecto, ou seja, não era um inglês que governava; o chefe nativo local continuava no poder, desde que colaborasse com as autoridades inglesas. Essa forma de dominação garantiu processos de independência relativamente pacíficos, como foi o caso da Nigéria e de Serra Leoa. Em outros países houve boicotes, greves e manifestações, como as promovidas no Quênia em 1951, em que milhares de manifestantes foram presos e muitos morreram ao resistir contra as forças coloniais.<sup>39</sup>

### **2.4.4 - África Alemã, Italianas e Espanhola**

Após a derrota na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha perdeu o domínio sobre suas colónias africanas, que ficaram sobre o mandato dos países Aliados: sobre a Inglaterra, França e Bélgica. Essas colónias conquistaram suas independências durante décadas de 1950 e 1960. Já no final da Segunda Guerra Mundial, foi a Itália que perdeu o domínio sobre suas colónias. A Líbia, a Eritreia e a Somália passaram a ser administradas pela ONU.

Nesses países, houve processos de independência que se arrastaram pelas décadas seguintes. Nas colónias espanholas, livrar-se do domínio europeu não representou necessariamente autonomia política. No caso do Saara Espanhol, por exemplo, o poder passou dos europeus para os países vizinhos, Marrocos e Mauritânia, em 1976. Houve a reacção dos nativos saraus que, apesar de se organizarem em exércitos contra a ocupação, foram derrotados em 1979, o

---

<sup>38</sup> Obtido de [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_6\\_pdp\\_hist\\_uenp\\_rosemeryavelozodecarvalhoanjos.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_6_pdp_hist_uenp_rosemeryavelozodecarvalhoanjos.pdf)

<sup>39</sup> Obtido de [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_6\\_pdp\\_hist\\_uenp\\_rosemeryavelozodecarvalhoanjos.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_6_pdp_hist_uenp_rosemeryavelozodecarvalhoanjos.pdf)

Marrocos consolidou a dominação do território, actualmente chamado Saara Ocidental. A dominação existe até hoje e enfrenta a resistência de movimentos pró-independência (Anjos, 2016).

#### **2.4.5 -Os modelos de colonização**

França e Alemanha desenvolveram na África soluções político-administrativas altamente centralizadas, governando as suas colónias a partir de Paris ou de Berlim, considerando os membros das populações nativas como apêndice das metrópoles.

A Inglaterra desenvolveu regimes coloniais mais descentralizados que procuraram governar conjuntamente com os chefes tradicionais das populações nativas, além de desenvolverem condições para a criação de quadros gestores locais para a administração, o regime administrativo britânico pautava-se pela política do *self-government* (governo próprio), com ênfase à autonomia administrativa das *companyrule* (companhias majestáticas). Nas colónias britânicas, ao contrário das colónias portuguesas, por exemplo, não se reconhecia o direito à nacionalidade das populações colonizadas.

Diferentemente da França que estabeleceu um sistema administrativo quase integralmente uniforme no conjunto das suas 14 colónias da África tropical, a Grã-Bretanha implantou diversos sistemas com vistas a administrar as suas dependências africanas, de forma a tornar muito difícil conceber, no tangente a estes sistemas

A historicidade do processo fez com que todos os modelos de gestão colonial sofressem adequações ao que fora originalmente organizado, somente para efeitos de síntese é que sumariam aqui a descrição em tipos puros.

#### **2.5 – A Fundação do UGCC**

A *United Gold Coast Convention* (UGCC) foi fundada em 4 de agosto de 1947 com o objectivo de obter a independência do Gana. Kwame Nkrumah pensa que a oposição da UGCC aos líderes coloniais carece de força e não insiste o suficiente na urgência da situação; ele queria independência imediata e desta forma rompeu com o UGCC por essas razões, ele fundou o CPP com o

lema «independência agora». Aos 09 de Janeiro de 1950, o CPP convoca uma greve nacional de boicotes. Durante esses eventos, dois policiais foram mortos e os líderes do CPP foram presos e encarcerados.<sup>40</sup>

Joseph Boakye Danquah fundou o *United Gold Cost Convention* (UGCC) em 1947, este partido tomou várias iniciativas para quebrar os laços de dependência com a metrópole, enquanto que em Londres Nkrumah mostrava-se totalmente comprometido com a política, que em total sintonia com DuBois<sup>41</sup> e outros, organiza na cidade de Manchester o 5º Congresso Pan-africano, no ano 1945. No mesmo ano Nkrumah regressa ao Gana e se integra ao UGCC, então partido recém-fundado por Dunquah, onde chegou a ocupar a pasta de Secretário-geral.<sup>42</sup>

O partido UGCC foi, no entanto, essencialmente constituído por notáveis autóctones, relativamente interessados pelos problemas dos mais pobres e com objectivos que podem ser acertados com os colonialistas. Nkrumah decide transformar o UGCC em um partido de massas: três jornais de propaganda são criados e têm um sucesso crescente, o partido cria um ramo da juventude e Nkrumah multiplica as conferências. A administração colonial reagiu com repressão: seis dirigentes partidários foram presos, suas publicações foram censuradas. Em Fevereiro de 1948, a polícia abriu fogo contra os manifestantes, causando cerca de vinte mortes e centenas de feridos. Como resultado, Nkrumah e Danquah acabaram presos por dois meses. Em resposta, os demais líderes do UGCC deliberaram em Assembleia a demissão de Nkrumah da pasta de secretário-geral.<sup>43</sup>

Após o ocorrido, Nkrumah funda, em 1949, o seu próprio partido político - o *Convention Peoples Party*<sup>44</sup> (CPP) – e publicita os meandros do métodos que norteariam as suas acções. Tais métodos têm que ver com a desencadear de uma acção positiva que reclamasse a independência imediata - *self government* – e apropriava-se do argumento de que para o contexto do seu

---

<sup>40</sup> Obtido de [https://pt.frwiki.wiki/wiki/Parti\\_de\\_la\\_convention\\_du\\_peuple](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Parti_de_la_convention_du_peuple).

<sup>41</sup> Filósofo, jornalista e acérrimo lutador pelos direitos civis das populações negras.

<sup>42</sup> Obtido de <http://heparosne.blogspot.com/kwame-nkrumah.html?m=1>.

<sup>43</sup> Obtido de [https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame\\_Nkrumah](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame_Nkrumah).

<sup>44</sup> Partido da Convenção do Povo.

país, em que a grande maioria não sabia escrever nem ler, a melhor saída seria a acção imediata. Ao mesmo tempo o UGCC também divulga, propondo a discussão com vista a busca a autonomia o mais rapidamente possível.<sup>45</sup>

Segundo Mattos (2020), diante da sugestão de Ako-Adjei, Nkrumah foi escolhido como secretário-geral do UGCC, o que marcava seu retorno a seu país natal. A UGCC era composta inicialmente pela elite da Costa do Ouro e seus membros eram parte das classes educadas do país. A organização representava o *status quo* e tinha em seu quadro, advogados, médicos e homens de negócio, homens tais como Francis Williams, Dr. J.B. Danquah, William OforiAtta, John Ayew, R.S. Blay, J.W. de Graft Johnson. Contudo, a organização precisava de uma figura que desse centralidade e liderasse a construção de uma congregação mais sólida. Coube a Nkrumah a tarefa de tocar a organização já que os outros membros, homens de negócios e profissionais liberais, consideravam-se atarefados demais para esta responsabilidade com Nkrumah a composição da organização muda e se amplia em um curto espaço de tempo. Nkrumah inicia seus trabalhos junto a UGCC no dia 29 de Dezembro de 1947.<sup>46</sup>

As lideranças do UGCC reivindicavam o fim do domínio colonial na Costa do Ouro, o fim dos privilégios comerciais que a metrópole dispunha trazia prejuízo a estes homens e, mais importante, tendo em vista seu *status* social e grau de instrução, se colocavam enquanto sucessores naturais dos administradores coloniais. Inicialmente a UGCC era liderada por Geroge Grant, um grande comerciante e uma plêiade de intelectuais nativos. Tendo em conta os desafios que se opunham os elementos do UGCC acharam melhor nomear o Nkrumah porque era mister encontrar um secretário necessária habilidade administrativa.

## **2.6 – A fundação do Partido da Convenção do Povo (CPP) pelo Nkrumah**

No fim do ano 1920, os partidos dedicados a promover a independência expandiram-se e foi no ano de 1947 quando tiveram força real, junto com a United Gold Coast Conventiom (UGCC), cujas forças básicas eram os movimentos nacionalistas. O Secretário desta coligação, Kwame Nkrumah,

---

<sup>45</sup> Obtido de <https://escolamz.com./o-nacionalismo-africano.html>.

<sup>46</sup> Obtido de <http://seminarioc1.blogspot.com/2017/11/a-independencia-de-gana-em-1957.html>

separa-se em 1948 para formar o CPP, que se veio a converter na voz do povo, dirigindo, pela primeira vez desde a perda da soberania do país, o curso da política nacional sob o lema «o auto-governo agora!».<sup>47</sup>

O CPP foi fundado em 12 de Junho de 1949 por Nkrumah, com objectivo de fazer campanha pela independência da Costa do Ouro, atual Gana. Foi o partido de Nkrumah durante o tempo da Colónia Autónoma Britânica de 1951 a 1957 e durante os primeiros anos da independência de Gana de 1957 a 1966. A constituição foi emendada em 1964 para tornar o CPP o único partido legal. O CPP é proibido de fazer a sua actuação após o golpe de Estado de 24 de Fevereiro de 1966, perpetrado pelo Conselho de Libertação Nacional.<sup>48</sup>

O 12 de Junho de 1949, com o apoio da organização juvenil da UGCC, Nkrumah anuncia perante 60.000 pessoas a fundação de um novo partido, o *Convention People's Party* (CPP). Desejando a independência, Nkrumah apelou ao boicote e à desobediência civil, o que o levou a ser detido pelas autoridades britânicas em 1950 e condenado a três anos de prisão. No entanto, as greves e manifestações organizadas pelo CPP conduzem nesse mesmo ano à promulgação de uma nova Constituição que prevê uma assembleia legislativa da qual 75 membros foram africanos e realizou eleições municipais. No dia 8 de Fevereiro de 1951, o CPP obtém 34 dos 38 assentos do conselho da cidade de Accra e também vence as eleições legislativas. Apesar de sua prisão, Nkrumah aproveitou uma brecha legal para ser candidato no centro de Accra e obteve 95% dos votos. Ele finalmente é libertado e nomeado para formar um governo<sup>49</sup>.

Nos termos de Coussey, um relatório que apresentava as disposições dos termos em que decorreria as eleições no Gana, as mesmas deviam ter lugar nos mês de Fevereiro de 1951, mas só vieram a ser realizadas em 1976, sendo que o CPP sagrou-se vitorioso. Isto fez com que Arden Clark reconhecesse Nkrumah como o líder parlamentar e no ano seguinte foi chegou a pasta de Primeiro Ministro do Ghana. Contudo, a independência do Ghana veio a ser

---

<sup>47</sup> Obtido de [https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame\\_Nkrumah](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame_Nkrumah)

<sup>48</sup> Obtido de <https://norteafricano.blogspot.com/>

<sup>49</sup> Obtido de [https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame\\_Nkrumah](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame_Nkrumah)

proclamada a 06 de Março de 1957, fazendo do Gana o primeiro país africano a conquistar a independência da África.<sup>50</sup>

Para Oliveira (2018), toda sua acção política do Nkrumah deste da década de 1940 é materializada em 1949, quando da criação do Partido CPP. A partir de 1950, o partido começa a colocar em prática actividade de boicotes, greves e outras tácticas de desobediência civil. Pela sua actuação entre os movimentos de agitação social, Nkrumah é preso pela administração colonial em 1950. Sai da prisão com o CPP já aclamado, com a maioria das cadeiras nas eleições coloniais parlamentares de 1951, e notório, o maior líder político nacionalista da Costa do Ouro e uma referência para o pan-africanismo no cenário continental e internacional.

## **2.7 – Pan-Africanismo**

A construção da trajectória histórica do conceito de Pan-africanismo depende de uma definição do que pode ser considerado como parte desse movimento. Existe um consenso em apontar os congressos iniciados no século XX, realizadas em cidades como Manchester e Paris como marco histórico inicial do movimento. Posteriormente seriam organizados na África, em Acra e em Adis Abeba, outras edições dos congressos.

Segundo Chemane (2015), o pan-africanismo significa o resgate da herança histórica, cultural, espiritual, artística, científica e filosófica dos africanos do passado até ao presente. Pan-africanismo como um sistema ético tem as suas origens desde os tempos ancestrais e promove valores que são o produto da civilização africana e a luta contra a escravidão, o racismo, o colonialismo e o neocolonialismo. A corrente pan-africanista é vista como um esforço de um regresso ao «tradicional» no que respeita a cultura, sociedade e valores africanos.

Antes de dar início à narrativa como tal do surgimento da ideologia Pan-africana, duas observações devem ser feitas: a primeira refere-se a sua semântica. Embora a nomenclatura Pan-africanismo, a primeira vista, deixe

---

<sup>50</sup> Obtido de <http://seminarioc1.blogspot.com/2017/11/a-independencia-de-gana-em-1957.html>



implícita uma relação estreita com o continente africano, cabe ressaltar, que essa ideologia tem sua origem nos países de colonização inglesa. A segunda é que a ideologia Pan-africana pode ser entendida ou abordada sob duas perspectivas. Uma, quanto projecto de libertação que é tratado neste trabalho de fim de curso, e outra quanto projecto de integração. Dessa maneira, para o entendimento do Pan-africanismo como ideologia de libertação torna-se imprescindível a compreensão do contexto o qual o mesmo surgiu e que suas vertentes políticas foram consolidadas.

O Pan-africanismo foi um termo usado como elo de ligação entre os diversos países de África que tiveram o mesmo objectivo de lutar contra a dominação colonial. Cujos percursos vêm desde muito efectivar o próprio pensamento em termos pragmáticos. Pan significa união enquanto Africanismo refere-se aos habitantes de África para unirem-se face a luta contra o colonialismo.

Paim (2016), é importante compreender que antes da formação do movimento Pan-africano como movimento político, o Pan-africanismo origina-se da oposição aos tráficos escravistas nas Américas, Ásia e Europa, onde foram materializados os experimentos psicológicos e sociais que fizeram surgir movimentos de protesto e revoltas de cunho internacional que reivindicaram a libertação dos africanos escravizados, bem como a liberdade e a igualdade das populações africanas no estrangeiro. No seu início, o Pan-africanismo era apenas uma reduzida manifestação de solidariedade, restrita às populações de ascendência africana das Antilhas Britânicas e dos Estados Unidos. Logo, é importante ressaltar que, até a primeira reunião Pan-Africana a denominação “Pan-Africanismo” não havia sido inserida, ficando a reunião identificada como a “Conferência dos povos de cor”.

Segundo Mattos (2020), em 1957 a Costa do Ouro tornou-se o primeiro país independente da África subsaariana que posteriormente se tornaria Gana, em referência e reverência ancestral. George Padmore, exerceu grande influência sobre este processo e sobre Kwame Nkrumah, como futuro primeiro-ministro do país. Malcom Ivan Meredith Nurse, nascido em Trinidad em 1903, mudou

seu nome para George Padmore nos anos 1920, nos EUA, por conta de sua actuação junto ao Partido Comunista e ao movimento estudantil. Passou ainda pela URSS, Alemanha e França, antes de chegar na Inglaterra, em 1935.

Padmore em 1957 muda-se definitivamente para Gana. Intelectual da diáspora negra, foge às caracterizações simplistas. Foi comunista e deixou de sê-lo, em 1934, pan-africanista, marxista, anti-capitalista, anticolonialista e anti-imperialista, sendo referência para diversos intelectuais africanos e da diáspora. Kwame Nkrumah, nascido em 1912 no povoado de Nkroful, em Nzima, foi a principal liderança pan-africana do continente africano. Ambos mantiveram uma relação de muita proximidade desde os anos de 1940 até a morte de Padmore, em 1959, apenas dois anos após a independência e um ano antes de 17 países africanos se tornarem independentes<sup>51</sup>.

Nkrumah foi um grande precursor dos ideais filosófico-políticos que visavam a congregação da África, dos africanos e afro-descendentes em da busca da libertação total do continente. A criação da OUA vem emanada, em termos de princípios basilares, dos ideais pan-africanistas.

Em suma, augura-se tarefa bastante árdua conferir uma definição ao Pan-Africanismo. Mas, parece-nos certo afirmar que o movimento registou um crescimento bastante acelerado e jogou uma influência capital para o deitar-a-baixo da presença europeia em solo africano, bem como a valorização, o tratamento igualitário e integração da pessoa negra em vários países fora do continente. Desde a primeira conferência de 1900 em Londres ao 7º Congresso Pan-africano de 1994 em Kampala, foi possível moldar a configuração dos pressupostos que norteariam a corrente, sendo que um dos mais altos feitos, para além das lutas de independência desencadeadas pelos vários movimentos nacionalistas, é a criação da OUA, em 1963.

## **2.8 – O Congresso Pan-africano de 1945 em Manchester.**

Este movimento surgiu depois da Grande Primeira Guerra Mundial. Teve uma primeira manifestação essencialmente racista com Marcus Mosiah Garvey,

---

<sup>51</sup>

Obtido de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/download/49413/34350>.

fundador da Associação Universal para o Progresso dos Negros, unida em torno do slogan *África para os africanos*. Segue-se a acção de William Edward Bughardtdu Bois, negro norte-americano, doutor em Heidelberg e professor de sociologia em Atlanta, organizador de vários congressos pan-africanos. O primeiro realiza-se em Paris em Fevereiro de 1919, onde se pede que as colónias alemãs sejam confiadas à gestão da comunidade internacional e a criação de um organismo permanente visando o controlo da aplicação de leis destinadas à melhoria de vida dos africanos. O II congresso ocorreu em Setembro de 1921, com sessões em Londres, Bruxelas e Paris. O III em Londres, com uma sessão em Lisboa, promovida pela Liga Africana. O IV, em Nova Iorque, no ano de 1927, ainda com reivindicações moderadas. Contudo, no V congresso realizado em Manchester em Março de 1945 já se reclama *a completa e absoluta independência para os povos da África ocidental*<sup>52</sup>.

Para Chemane (2015), Du Bois é geralmente considerado o pai do pan-africanismo, ao contrário do Marcus Garvey que lutou pelos direitos fundamentais dos africanos independentemente da cor da pele. Du Bois foi o responsável pela organização dos primeiros congressos pan-africanos: o Congresso de Paris (1919), o Congresso de Lisboa (1921), o Congresso de Londres (1923), o Congresso de Nova Iorque (1927), o Congresso de Manchester (1945). O último congresso defendeu arduamente o processo das independências africanas. Nele participaram para além do próprio Du Bois, o Kwame Nkrumah, George Padmore, Peter Abrahams, Jomo Kenyata, só para citar alguns nomes. O Congresso de Manchester ditou igualmente a criação da Organização da Unidade Africana (OUA), em 1963.

De acordo Langley (1973), o 5º Congresso pan-africano, realizado em 1945 na Manchester, é tido como que marcou o auge do movimento e, naturalmente, o mais significativo dentre todos os outros. Por hoje afigura-se quase por unanimidade que o referido Congresso deu origem a Pan-Africanismo anti-imperialista e internacionalista. A ideologia pan-africanista de Manchester do pós-guerra tentou basear-se nos interesses das massas populares nas colónias e enxergou os trabalhadores urbanos e rurais como a principal força

---

<sup>52</sup> Obtido de <http://maltez.info/aaanetnovabiografia/Conceitos/panafricanismo.htm>

na luta anticolonial. Muitos dos delegados no Congresso de Manchester eram representantes de organizações trabalhistas e sindicais.

As preocupações do trabalho pan-africano não foram ouvidas apenas em Manchester em 1945. Ao longo daquele ano, os representantes dos trabalhadores africanos e carimbinhos manifestaram suas preocupações no cenário internacional, talvez pela primeira vez desde a fundação do Comité Sindical Internacional dos Trabalhadores Negros (International Trade Union Committee of Negro Workers – ITUCNW) na década de 1930. No ano de 1945 também foram realizadas as conferências fundadoras da Federação Sindical Mundial (World Federation of Trade Unions – WFTU), a primeira central sindical verdadeiramente internacional. Representantes de trabalhadores africanos e carimbinhos tiveram um papel significativo em sua fundação e foi após sua participação na Conferência Sindical Mundial (World Trade Union Conference) de Londres em Fevereiro de 1945, que vários dos principais representantes sindicais africanos e carimbinhos defenderam a convocação do 5º Congresso Pan-Africano (Langley, 1973).

A corrente pan-africanista, bem como as ideias do nacionalismo africano ganharam uma expressão e voz única no 5º Congresso Pan-africano. Pela primeira vez, insistia-se na necessidade da existência de movimentos bem organizados e firmemente unidos, como condição do sucesso da luta pela libertação nacional em África. Este congresso reuniu mais de 200 delegados do mundo inteiro. George Padmore e Nkrumah foram os secretários da comissão de organização que traçou o plano do congresso, e ficaram bastante satisfeitos com os resultados do trabalho (Paim (2016).

Os congressos pan-africanos deram um outro pensar sobre a libertação de África, através destes, O pan-africanismo tomou também uma feição cultural com Leopoldo Senghor, Aimé Césaire com a ideia de negritude. Em 1947 foi iniciada a publicação da revista literária Presença Africana dirigida pelo jovem senegalês Alioune Diop que a ele se juntaram escritores como Jean-Paul Sartre, Albert Camus. Nesta revista foram publicados trabalhos de filosofia bantu de Placido Tempels, a história do Egipto e da Etiópia de Cheikh Anta Diop. Os africanos de língua oficial portuguesa, que frequentavam a Casa dos

Estudantes do Império em Lisboa (CEI), nos anos 50 e 60, como Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto e Eduardo Mondlane, teriam tido contacto também com o pan-africanismo a partir dos intelectuais da Presença Africana (Chemane, 2015).

Segundo Barbosa (2021), um dos frutos desta nova política pan-africanista foi a realização do seu 5º Congresso, por se ter traduzido numa ruptura em relação aos anteriores. Isto porque, até então, a grande maioria dos delegados que marcaram presença nos anteriores congressos era formada por brancos liberais, negros americanos e europeus. Em Manchester, ao contrário, os africanos não foram apenas maioritários, mas também figuras centrais do evento, como Azikiwe Nandi, Jomo Kenyatta e Kwame Nkrumah. Não por acaso, personagens que se tornariam líderes dos movimentos de descolonização em seus países.

### **2.8.1 –A Independência do Gana**

Uma das independências mais importantes para o continente foi a de Gana, antiga Costa do Ouro, em 1957, que introduziria o conceito de partido de massas na África. Por meio de um movimento que contava com ampla participação popular, baseado na desobediência civil.

O processo colonial em Gana e as necessidades da administração britânica dotaram o país de características que o tornavam bastante único no contexto das colónias africanas. Apesar de insuficiente e estritamente ligado às necessidades económicas e administrativas dos britânicos, contava com o melhor sistema de saúde e educação, maior proporção de pessoas com nível superior, e uma numerosa burguesia nacional, vários elementos que explicam o seu pioneirismo na independência. No entanto, um dos principais factores que revelam esse protagonismo foi a acção de um dos mais conhecidos líderes políticos africanos: Kwame Nkrumah (Harlan, 2019).

A independência do Gana é, também, fruto da intervenção de combatentes antigos vindos da Índia e da Birmânia, que reivindicavam independência total para a África, com peculiar destaque ao país. Houve um conglomerar das

forças tanto de constatação como de actuação coloniais em torno do UGCC, que deu voz a marcha de libertação.<sup>53</sup>

Por outra, Kwame Nkrumah considerava que a independência de Gana em 1957, conduzida pelo *Convention People's Party* (CPP), seria o estopim para a libertação generalizada das demais colónias africanas. Na sua visão, a luta pela independência deveria ser supranacional, sendo uma obrigação do partido e do novo Estado por ele governado apoiar os demais movimentos nacionalistas; essa seria a maneira de se alcançar o propósito final da unificação política de todo o continente africano. Os antecedentes da colonização e o imperialismo da Guerra Fria trariam perigos para as recém-conquistadas liberdades, sendo a unificação a melhor e talvez única forma de garanti-la. Como agravante, Nkrumah elenca vários factores como a baixa produtividade agrícola, a dependência de estrangeiros no comércio, o baixo nível de alfabetização, a infra-estrutura precária, dependência internacional de bens quotidianos. Todos esses factores contribuiriam para tornar a independência mais frágil (Harlan, 2019).

É bastante evidente que para Nkrumah a independência de Gana significava bem mais do que apenas a liberdade dos ganenses. O país deveria servir como exemplo para todo o continente, demonstrando a capacidade dos africanos de se auto-governarem. Várias iniciativas foram criadas visando atrair povos de outros países africanos, independentes ou não, para receberem treinamento burocrático e administrativo. Isso evidencia que para Nkrumah, o ideal Pan-africano estava em um plano bem mais relevante do que o nacional, o que ficaria claro com os constantes conflitos internos com diversos grupos de Gana que buscavam maior autonomia em relação ao governo central ou ao menos uma relação mais transparente com o primeiro-ministro e o partido<sup>54</sup>.

Harlan (2019), ao mesmo tempo em que considerava que as medidas tomadas foram necessárias para a consolidação da independência, Nkrumah acusava a imprensa internacional de não cooperar com o novo país ao apoiar medidas que poderiam fragmentá-lo. Dessa forma, o controlo sobre os partidos e o

---

<sup>53</sup> Obtido de <http://seminarioc1.blogspot.com/2017/11/a-independencia-de-gana-em-1957.html>

<sup>54</sup> Obtido de [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23765/1/2019\\_HarlanGelsonRodriguesDosSantos\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23765/1/2019_HarlanGelsonRodriguesDosSantos_tcc.pdf)

cerceamento da liberdade de imprensa seriam justificáveis para se alcançar o bem maior, que seria à consolidação da independência e a pavimentação do caminho para a união Pan-africana.

### **2.8.2 – O Socialismo Adoptado pelo Nkrumah**

Após o Congresso de Manchester, o pan-africanismo deu uma virada para tornar-se, efectivamente, um movimento político, para além de um movimento de ideias. Tratava-se de uma praxis da descolonização, que incluía a libertação do colonialismo e a unidade contra o neocolonialismo. E, nesta busca, houve um diálogo inevitável tanto com o marxismo, quanto com o movimento comunista internacional. Neste percurso, Kwame Nkrumah foi um nome fundamental. Para Nkrumah, a ideia pan-africanista foi de adoptar o socialismo mas não comunista, em que o Estado deveria ser o centro da vida social e económico (Barbosa, 2021).

As directrizes que nortearam as independências do continente africano com a Costa do Ouro (actual Gana) através de Nkrumah ampliando a ideia Garveista da construção dos Estados Unidos da África, inserindo o socialismo como um novo componente e constituindo um novo projecto de construção dos Estados Unidos da África Socialista, foi um facto, tal como concluiu Nkrumah em seu livro a luta de classe em África. Naquele contexto, o dirigente africano explicitou o espaço de protagonismo ocupado pelos revolucionários do mundo negro na descolonização e na concretização do projecto mencionado, bem como, as condições para a satisfação dos africanos em âmbito mundial, e assim dizia:

O objectivo principal dos revolucionários do mundo negro deve ser a libertação e a unificação total da África sob a direcção de um governo pan-africano socialista. É um objectivo que satisfaria as aspirações dos povos africanos em todo o mundo (Paim, 2016, p. 105).

O governo do declaradamente «socialista e cristão» Nkrumah foi marcado pela tentativa de construção de um Estado socialista africano, através de um programa de industrialização estatal. Contudo, sua importância ideológica não se restringe ao Gana, sendo o presidente ganês um dos pais do pan-africanismo e do anti-colonialismo que inspirou inúmeras independências

continente afora. Em 1966, em meio aos baixos preços dos produtos agrícolas e o insucesso relativo do plano de industrialização, Nkrumah foi deposto por oficiais dissidentes claramente influenciados pelo Ocidente.

Na óptica de Harlan (2019), não foi apenas Kwame Nkrumah, Léopold Sédar Senghor também\* foi uma personalidade que adoptava a inspiração socialista em movimentos que buscavam emancipação contra regimes coloniais. O contexto encontrado na África por Senghor e Nkrumah, na década de 1940, era a colonização do continente por potências europeias, portanto, seu primeiro objectivo deveria ser a independência. Para Nkrumah, o socialismo era um instrumento para alcançar um objectivo que ia além das independências individuais das colónias africanas, levando a união Pan-africana. Para o sucesso desse objectivo, se fazia necessário um partido de massas, que se concretizou com a fundação do *Convention People's Party* em 1949.

Na visão de Nkrumah, o partido teria o papel de lutar contra as elites locais que serviam de intermediários entre a administração colonial e as massas. Representando os interesses de toda a nação, o CPP seria o líder natural da implantação do socialismo. Mais do que ser apenas contra o colonialismo, ele era contrário a ideia de libertação gradual, defendendo o corte imediato dos laços políticos com a metrópole. Isso permitiu uma generalização extrema de seu discurso, dando uma ênfase ao nacionalismo com a intenção de formar uma identidade nacional homogénea em oposição à dominação imperialista.

Na concepção tanto de Senghor quanto de Nkrumah, haveriam elementos inerentes aos africanos que tornariam a implantação do socialismo mais tranquila do que pregava a teoria marxista. Assim não haveria uma revolução liderada por uma vanguarda, no estilo bolchevique, mas sim uma «reapresentação» dos princípios comunitários africanos pelo partido. Esses princípios, que podem ser reunidos sob o conceito de comunismo, fariam com que não houvessem estranhamentos da população africana com o comunismo



e o socialismo. Mas o socialismo só poderia ser implantado após a conquista da independência política.<sup>55</sup>

A impossibilidade de reprodução do socialismo europeu na África impôs a necessidade de soluções originais como as propostas por Senghor e Nkrumah. Ambos partem de uma valorização do factor africano, embora de formas distintas. Enquanto Senghor baseia seu discurso num elemento como o «ritmo», que seria a valorização da subjectividade africana em oposição à objectividade da filosofia greco-romana, Nkrumah valoriza a ausência de classes, que promoveria uma horizontalidade nas relações, facilitando a introdução do socialismo no continente (Harlan, 2019).

## **2.9 – A Influência do Nkrumah no auge de 1960 como Ano de África**

O início dos anos 60 marca o princípio de uma nova era em África. Surgem novos Estados independentes, novas elites políticas chegam ao poder, começam a desenhar-se diferentes equilíbrios regionais à medida que as potências coloniais deixam o continente. E 1960 é uma data chave neste processo com 17 novos Estados a nascerem em África, 14 dos quais ex-colónias francesas.

Marcado como o ano da África, a década de 60 do século XX registou terem sido dezenas as nações africanas que proclamaram as suas independências no decorrer da década 60 do século XX, pois um número expressivo de países conquistou sua independência do colonialismo francês e inglês, especialmente por meio de oposições pacíficas. Foi o caso de Camarões, Costa do Marfim, Benin, Burkina Faso, Níger, Mali, Somália, Nigéria, Mauritânia e Gabão. Nos anos seguintes Serra Leoa, Tanzânia, Quênia, Gambia, Ruanda e Uganda decretaram as suas independências.<sup>56</sup>

No entanto, para além da oposição pacífica que marcou o processo de independência, há que salientar a grande maioria das oposições violentas que despoletaram em conflitos armados, tal é o caso a Nigéria que se teve de

---

<sup>55</sup> Obtido de [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23765/1/2019\\_HarlanGelsonRodriguesDosSantos\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23765/1/2019_HarlanGelsonRodriguesDosSantos_tcc.pdf)

<sup>56</sup> Obtido de <https://www.infoescola.com/historia/descolonizacao-da-africa/>.

esbater, nos primeiros anos de independência, com vários casos de assassinados derivados de crispções internas, ou a República do Congo, que teve um processo de independência bastante conturbado, bem como os primeiros anos de independência marcados por golpe militar, sob égide de países como a Bélgica, Portugal, Reino Unido o EUA.<sup>57</sup>

A partir da década de 60, ganhou força a luta armada, além de outros meios de resistência, como a publicação de jornais, as greves de trabalhadores e o boicote ao pagamento de impostos. Muitas pessoas, entre estudantes, intelectuais e trabalhadores, lutaram juntas pela independência. Após a conquista da independência, porém, os conflitos étnicos e as disputas dos partidos políticos deram origem a guerras civis que se arrastaram pelas décadas seguintes.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> *Ibidem.*

<sup>58</sup>

Obtido

de

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_hist\\_uenp\\_rosemeryavelozodecarvalhoanjos.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_uenp_rosemeryavelozodecarvalhoanjos.pdf).

**CAPÍTULO III- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.**

## **CAPÍTULO III- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **3.1- Preliminares da Investigação**

Neste capítulo fez-se a apresentação, análise e discussão dos resultados, que foram recolhidos através dos de questionário por inquérito aplicado aos estudantes do 4º Ano do Curso de História do ISCED-HUÍLA.

### **3.2- População**

A população é o conjunto total e não se refere apenas às pessoas, mas pode abranger qualquer tipo de elemento: animais, objectos, valores, entidades, cidades e locais (Cimadon, 2006).

A população da presente investigação foi constituída por 79 estudantes.

#### **3.2.1- Amostra**

A amostra constitui uma porção ou parcela, convenientemente seleccionada do universo da população; é o subconjunto do universo que representa as principais áreas de interesse da pesquisa (Idem, 2006).

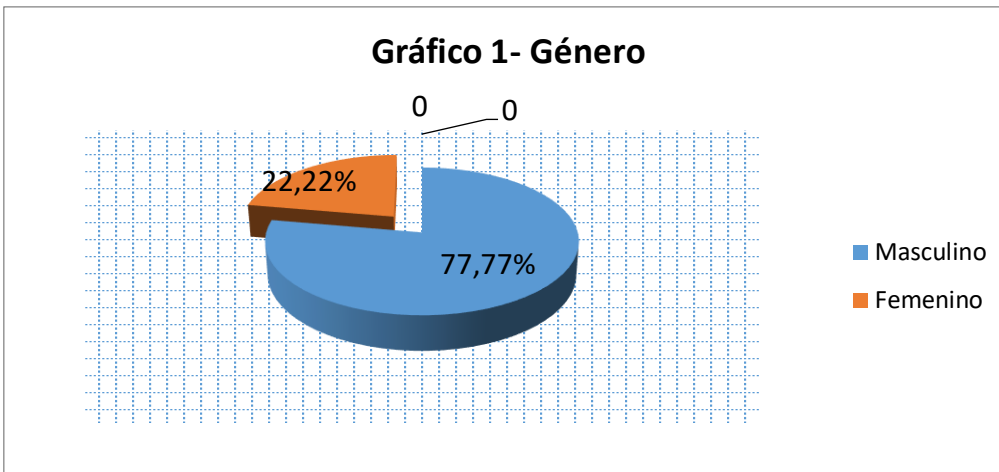
Para o presente trabalho utilizou-se a amostragem aleatória simples, com a finalidade de se obter informações específicas sobre o tema em estudo. Para tal a amostra foi constituída por 45 Cidadãos.

#### **3.2.2- Caracterização da Amostra**

A caracterização da amostra no presente trabalho está representada em tabelas, gráficos, idade e número.

**Tabela 1.** Caracterização da amostra em função do género.

<b>Características</b>	<b>Género</b>	<b>Nº de cidadãos</b>	<b>Percentagem %</b>
<b>Cidadãos</b>	Masculino	35	77.77%
	Feminino	10	22.22%
<b>Total</b>		<b>45</b>	<b>100%</b>

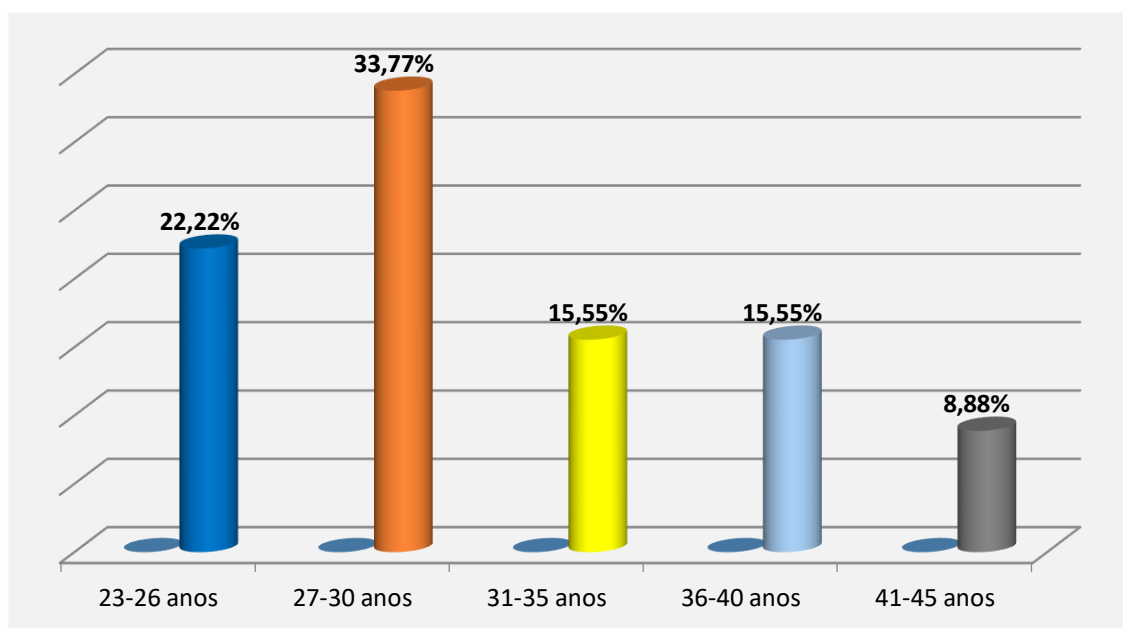


Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 2-** Caracterização da Amostra por faixa etária.

Características	Idade	Cidadãos	Porcentagem %
<b>Cidadãos</b>	23-26	10	22,22%
	27-30	17	33,77%
	31-35	07	15,55%
	36-40	07	15,55%
	41-45	04	8,88%
<b>Total</b>		<b>45</b>	<b>100%</b>

Gráfico 2- Idade.



Fonte: **Elaboração própria.**

### 3.2.3- Análise e apresentação dos resultados dos inquéritos feitos.

Apresentação de respostas das perguntas respondidas pelos estudantes.

#### Questão 1: Já ouviu falar do Kwame Nkrumah?

Respostas	Nº de Cidadãos	Percentagem%
<b>Sim</b>	41	91,11%
<b>Não</b>	4	8,88%
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

A tabela acima, representa percentualmente a quantidade numérica daqueles que já tinham e não, as informações sobre o Kwamw Nkrumah.

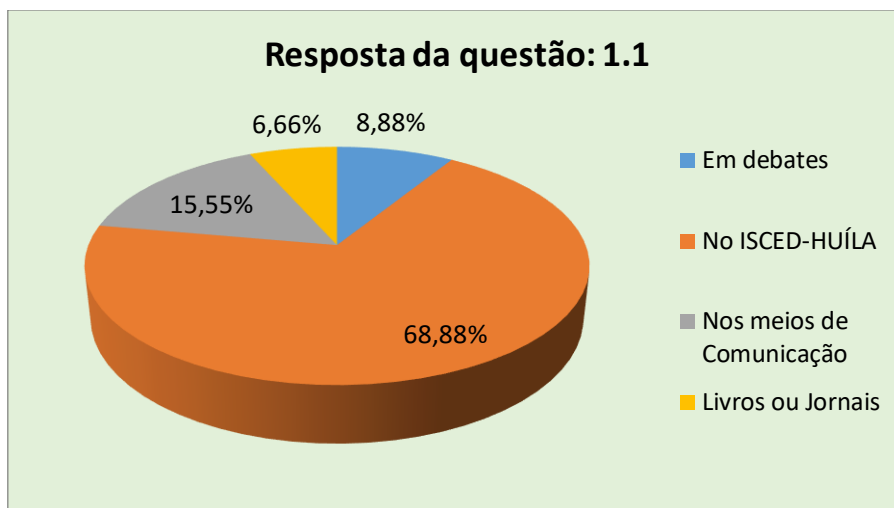
Dos 45 inqueridos, 41 responderam que SIM perfazendo a maior percentagem de 91,11% 4 responderam que NÃO.

**Questão- 1.1: Em caso da opção SIM, marca com um X o local onde ouviu falar.**

- a) Em debates.
- b) No ISCED-HUÍLA.
- c) Nos meios de Comunicação.
- d) Livros ou Jornais.

<b>Respostas</b>	<b>Nº de Cidadãos</b>	<b>Percentagem%</b>
Em debates	04	8,88%
No ISCED-HUÍLA	31	68,88%
Nos meios de Comunicação	07	15,55%
Livros ou Jornais	03	6,66%
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

A tabela em referência nota-se que, o ISCED-HUÍLA e os meios de comunicação, são os maiores na difusão das informações relacionadas com o tema. Isto é: locais onde a maioria dos inqueridos tiveram os seus primeiros conhecimentos sobre o tema, que é preocupante visto que os debates e livros ou jornais deveriam ser os primeiros se tivéssemos uma sociedade com hábito de leitura.



**Fonte:** Elaboração própria.

**Questão 2:** Das afirmações abaixo escolhe uma do seu critério para definir o pan-africanismo:

a) O pan-africanismo significa o resgate da herança histórica, cultural, espiritual, artística, científica e filosófica dos africanos do passado até  presente.

b) Pan-africanismo como um sistema ético tem as suas origens desde os tempos ancestrais e promove valores que são o produto da civilização africana e a luta contra a escravidão, o racismo, o colonialismo e o neocolonialismo

c) O pan-africanismo é visto também como um esforço de regresso a concessão “tradicional” africana sobre cultura, sociedade e valores.

Respostas	Nº de Cidadãos	Percentagem%
a)	23	51,11%
b)	13	28,88%
c)	09	20%
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

Como vê-se na tabela a cima, dos 45 cidadãos inqueridos que correspondem a 100%, 23 optaram pela alínea (a) correspondendo a maioria enquanto a opção



das alíneas (b e c) mostram uma diferença de 8,88% que consideramos razoável.

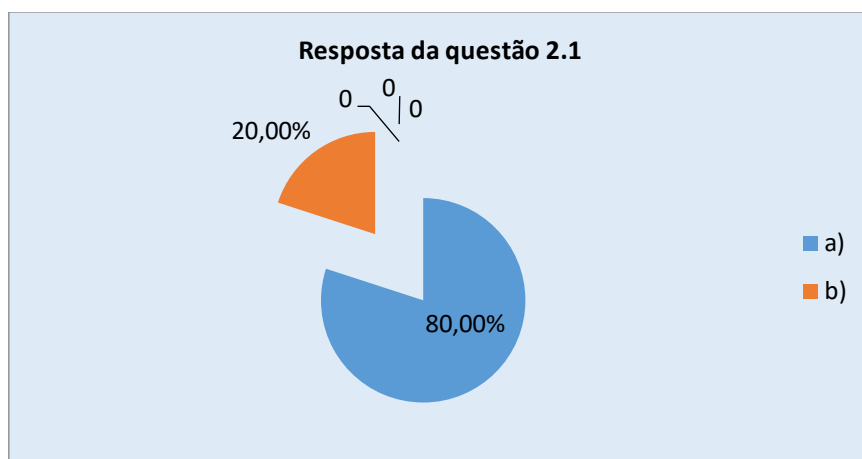
**Questão 2.1:** Quais foram os mentores do V Congresso Pan-africano:

a) William Edward Bughardtdu Bois, KwameNkrumah, George Padmore, Marcs Garvey e Joseph Danquah

b) Eduardo Mondlane, Pieter Willem Botha, Gamal Abdel Nasser e Nandi Anzikwé

Respostas	Nº de Estudantes	Percentagem%
a)	36	80%
b)	09	20%
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

A tabela apresenta as respostas dos inquéritos aplicados aos estudantes. Onde as respostas estão detalhadas no gráfico a baixo.



Fonte: Elaboração própria.

**Questão 2.2:** Na sua opinião qual foi a influência do Pan-africanismo para a independência de outros países da África:

a) O pan-africanismo Insistia-se na necessidade da existência de movimentos bem organizados e firmemente unidos, como condição do sucesso da luta pela libertação nacional em África

- b) O pan-africanismo é o acto de colonizar, ou seja, quando pessoas de um determinado país ou região vão para uma outra região (desabitada ou com nativos) para habitar ou explorar

Respostas	Nº de Cidadãos	Percentagem
a)	41	91,11%
b)	04	8,8%
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100%</b>

A tabela em referência, responde os inquéritos aplicados aos estudantes, e nota-se que a maior parte dos inqueridos preferiram alínea (a) perfazendo assim 91,11% enquanto os 04 estudantes perfazem 8,8% cuja opção foi alínea b).

**Questão 2.3:** Dentre os vários Congressos pan-africanos qual foi o de maior impacto para as independências dos países de África:

a) O I congresso, realizado em Paris em Fevereiro de 1919, onde se pede afirmar que as colónias alemãs sejam confiadas à gestão da comunidade internacional e a criação de um organismo permanente visando o controlo da aplicação de leis destinadas à melhoria de vida dos africanos.

b) O II congresso, ocorreu em Setembro de 1921, com sessões em Londres, Bruxelas e Paris.

c) O III congresso, em Londres, com uma sessão em Lisboa, promovida pela Liga Africana.

d) O IV congresso, em Nova Iorque, no ano de 1927, ainda com reivindicações moderadas.

e) V congresso realizado em Manchester em Março de 1945 já se reclama a completa e absoluta independência para os povos da África ocidental.

Respostas	Estudantes	Percentagem
a)	6	13,33%
b)	12	26,66%
c)	4	8,88%
d)	23	51,11%
Total	45	100%

A tabela acima representa as questões e a percentagem de respostas, determinadas através de número de estudantes que preferiram em responder uma das alíneas da questão 2.3.

3- Como avalia o acervo bibliográfico existente sobre o tema em estudo na Biblioteca do ISCED-Lubango?

a) Bom.

b) Mau.

c) Regular.

Respostas	Estudante	Percentagem
a)	8	17,77%
b)	11	24,44%
c)	26	57,77%
Total	45	100%

A tabela acima apresenta uma percentagem preocupante olhando para os que acreditam que o ISCED-HUÍLA tem um bom acervo bibliográfico e a maior acha que o acervo é regular o que de certa forma exige melhoramento do mesmo.

4- O que achas sobre a abordagem do tema: **“KWAME NKRUMAH E O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO DO GANA (1945-1960)”** na cadeira de História de África III Da descolonização à Actualidade, do 3º ano de história do ISCED:

a) Suficiente

b) Insuficiente

Respostas	Estudante	Percentagem
a)	38	84,44%
b)	7	15,55%
Total	45	100%

Apesar da percentagem de 84,44% dos estudantes que acharam que a abordagem do tema é suficiente, isto não nos conforma e doravante comprometemo-nos auxiliar àqueles que farão as futuras pesquisas para melhor as lacunas.

5-Assinala o mecanismo necessário para a divulgação deste tema dentro da comunidade académica:

a) Palestras

b) Meios de comunicação

c) Seminários

d) Debates

Respostas	Estudante	Percentagem
a) Palestras	22	48,88%
b) Meios de comunicação	12	26,66%
c) seminários	7	15,55%
d) Debates	4	8,88%
Total	45	100%

## **CONCLUSÕES**

## ONCLUSÕES

No período do fim da Segunda Guerra Mundial, vários acontecimentos motivaram a descolonização africana. Entre eles, houve a derrota dos estados totalitários e fascistas (Itália e Alemanha); o surgimento de duas grandes potências anticolonialistas (EUA e URSS); a formação do comité das Organizações das Nações Unidas (ONU) a favor da descolonização; bem como o aparecimento das reivindicações africanas por emancipações e; o nascimento do projecto de expansão económica das multinacionais norte-americanas a fim de conquistar mais mercados de consumo. A economia do pós-guerra tinha como obstáculo a permanência do colonialismo africano.

Na África Ocidental houve um forte nacionalismo e a inexistência de colonos brancos e de políticas britânicas para a unificação da região. Os britânicos esperavam uma longa transição da colónia à independência com uma forte intervenção dos mesmos. Em alguns casos, isto foi fruto da forte participação dos movimentos da sociedade civil que repudiava o domínio europeu nas suas terras tal como foi o caso do Gana ou resultado de uma guerra civil e da pressão de grupos internos.

O Gana foi o primeiro país da África subsaariana a conquistar a sua independência, teve nesta conquista um carácter singular, KwameNkrumah, um dos líderes desta luta de libertação, teve grande envolvimento e participação em congressos internacionais que contestavam a condição de colónia dos países africanos e asiáticos. Em seus discursos, Nkrumah sempre teve a preocupação em informar de maneira geral à condição que se encontrava a África e os africanos no século XX, e a necessidade destes povos em administrar seus países. A participação deste líder no Gana foi de mobilizar a sociedade, ou seja, trabalhadores, proprietários de empresas, estudantes e desempregados, todos aqueles que estavam insatisfeitos com a condição de colonizados, a buscar este direito de liberdade, incentivou greves, passeatas e com discursos que inflamam a sociedade em um só sentido, o da libertação.

## **BIBLIOGRAFIA**



## BIBLIOGRAFIA

- Adi, H. (2020). *A Diáspora Africana, 'Desenvolvimento' & Moderna Teoria Política Africana*. Rio de Janeiro: Revista Direito e Praxis.
- Andrade, A. L. (2018). *Colonização Britânica na África*. Brasil: USP. Endereço: <https://www.infoescola.com/historia/colonizacao-britanica-na-africa/>.
- Anjos, R. V. (2016). *A independência dos estados africanos no século XX em um blog: tecnologias educacionais e ensino de História Africana*. . Brasil: UENP.
- Annoni, D. (2012). *Análise da Crise Política Jurídica na Líbia e a Situação dos Refugiados*. Brasília: Universidade Federal do Párama.
- Araújo, K. C. (2015). *Um breve balanço da influência russo-soviética na África Austral (1919 a 1975)*. Brasil: Simposio Nacional de História.
- Barbosa, M. (2021). *Pan-africanismo e marxismo: aproximações e diferenças a partir do pensamento africano contemporâneo*. Brasil: Revista Fim do Mundo.
- Bellucci, B. (2021). *O socialismo na África: A luta continua*. Brasil: Teoria e Debate.
- Biney, A. B. (2007). *Kwame Nkrumah: An Intellectual Biography*. Londres: e University of London. Dissertação de Doutorado.
- Boahen, A. A. (2010). *História Geral de África: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasil: UNESCO, vol vii.
- Carmo, E. F. (2016). *História da África nos anos Iniciais do Ensino Fundamental: os Adinkra*. Brasil: UFB.
- Carvalho, L. O. (2009). *Metodologia Científica: teoria e aplicação na educação a distância*. S. Francisco: Edson Macalini.
- Chemane, O. D. (2015). *Eduardo Mondlane, Pan-Africanismo e Educação*. Moçambique: Revista Encontros com a Filosofia.
- CIMADON, A. (2006). *Metodologia Científica: Educação à Distância*. São Paulo: UNOESC.
- Figalo, R. (2015). *Os Métodos Históricos nas Pesquisas da Comunicação*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Figueiredo, F. B. (2011). *História da África : módulo 1*. Brasil: UFBA.
- Fogarty, A. P. (2014). *África e a primeira guerra mundial*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.

- Galliano, G. (1979). *O Método Científico: teoria e prática*. SP: Mosaico.
- Gerhardt, T. E. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Brasília: UAB.
- Gomes, R. (2010). Meio século de independências africanas: Defesa e Segurança. *JANUS*, 153.
- Harlan, G. R. (2019). *O pensamento Pan-africano na contemporaneidade O caso da Agenda 2063*. Brasil: Universidade de Brasília.
- Lamy, P. (2016). *A Ocupação Colonial da África. Da Conferência de Berlim à Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Secretária de Relações Internacionais do PT.
- Keita, N.B.(2018) *História da África Negra*, Texto Editores Lda-Angola
- Ki-zerbo J, *historia geral da África*.VIII
- Langa, E. N. (2020). *África: antecedentes históricos da OUA*. Brasil: UNILAB.
- Langley, A. (1973). *Pan-Africanism and Nationalism in West Africa 1900-45: A Study in*. Oxford : Oxford University.
- Leite, J. S. (2013). *O Cooperativismo nas ex-colônias*. Coimbra: U.C.
- Lousada, A. (2010). Meio século de independências africanas: Configurações Políticas. *JANUS*, 125.
- Malacco, F. S. (2018). *Unidade Nacional e Unidade Continental: Uma Discussão acerca dos Projetos Políticos de Amílcar Cabral e Kwame Nkrumah*. Brasil: CAPES.
- Manfred, A. (1978). *História do MUndo: Idade Contemporânea até ao fim da Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Edições Sociais.
- Mango, C. (2018). *A Consciencialização Política e a Descolonização na África Portuguesa: Criação dos Movimentos de Libertação*. Brasil: UNILAB.
- Mattos, P. d. (2020). *O herói silencioso e o Osagyefo George Padmore, Kwame Nkrumah e a Revolução da Costa do Ouro*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Meira, R. (2021). *Metodologia Científica*. Lisboa: Escola editora.
- Neta, J. (2017). *Metodologia Científica*. Salvador: António Felix.
- Niane, D. T. (2010). *África do Século XII ao XVI*. Brasil: UNESCO.
- Ogot, B. A. (2010). *África do Século XVI ao XVII*. Brasil: UNESCO.

Oliveira, F. S. (2018). *Unidade Nacional e Unidade Continental: uma discussão acerca dos projectos políticos de Amílcar Cabral e Kwame Nkrumah*. Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais.

Paim, M. L. (2016). *O Pan-Africanismo: Políticas, Libertação e Golpes de Estado*. Brasil: Revista TEL.

Rodrigues, Á. C. (2016). *A costa do Ouro nos Jornais a Tarde e Diário de Notícias entre 1951 à 1957*. Brasil: UF.

Rodrigues, Á. C. (2016). *A Independência da Costa do Ouro*. Brasil: Revista África.

Visentini, P. F. (2011). *Gana*. Brasil: Thesaurus Editora.

### **sites**

<https://pt.ketiadaan.com/post/qual-a-relacao-entre-a-partilha-da-africa-com-a-primeira-guerra-mundial>.

<https://norteafricano.blogspost.com/os-movimentos-de-independencia.html>.

<https://sopra-educacao.com/resistencia-colonial-na-africa-austral-mocambique-africa-do-sul-e-namibia>.

<https://www.ccip.pt/pt/newsletter-internacional/1324-gana-overview>.

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/gana>

<https://www.ccip.pt/pt/newsletter-internacional/1324-gana-overview>

[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$gana](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$gana).

<https://sopra-educacao.com/gana-localizacao-mapa-significado-historia-relevancia-clima-populacao-economia-politica-e-cultura-resumo>.

<https://wikitravel.org/pt/Gana>.

[https://pt.frwiki.wiki/wiki/G%C3%A9ographie\\_du\\_Ghana](https://pt.frwiki.wiki/wiki/G%C3%A9ographie_du_Ghana).

<https://pt.ketiadaan.com/post/qual-a-relacao-entre-a-partilha-da-africa-com-a-primeira-guerra-mundial>.

<http://meioambiente.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/1-223/o-que-e-meridiano-de-greenwich.jpg>

<https://www.infoescola.com/historia/colonizacao-britanica-na-africa/>

<https://www.infoescola.com/historia/colonizacao-britanica-na-africa/>

<https://www.dw.com/pt-002/kwame-nkrumah-lutou-por-uma-%C3%A1frica-livre-e-unida/a-42367843>.

<https://www.dw.com/pt-002/100-anos-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-russa-que-impactos-para-%C3%A1frica/a-41143981>

<http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427579787.ARQUIVO.Umbalancodainfluenciarusso.africa.kellyaraujo.pdf>.

<https://journals.openedition.org/lerhistoria/721>.

<https://pt.ketiadaan.com/gana.localizacao-mapa-significado-historia-releva-clima-populacao-economia-politica-e-cultura-resumo>.

<https://journals.openedition.org/lerhistoria/721>.

<http://ead.mined.gov.mz/site/wp-content/uploads/2020/03/Historia4-2%C2%BA-Ciclo.pdf>

<https://escolamz.com/o-nacionalismo-africano.html>.

<http://ead.mined.gov.mz/site/wp-content/uploads/2020/03/Historia4-2%C2%BA-Ciclo.pdf>.

<http://escolamz.com/o-nacionalismo-africano.html>.

[https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame\\_Nkrumah](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame_Nkrumah).

<http://ead.mined.gov.mz/site/wp-content/uploads/2020/03/Historia4-2%C2%BA-Ciclo.pdf>.

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_hist\\_uenp\\_rosemercyavelozodecarvalhoanjos.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_uenp_rosemercyavelozodecarvalhoanjos.pdf)

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_hist\\_uenp\\_rosemercyavelozodecarvalhoanjos.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_uenp_rosemercyavelozodecarvalhoanjos.pdf)

[https://pt.frwiki.wiki/wiki/Parti\\_de\\_la\\_convention\\_du\\_peuple](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Parti_de_la_convention_du_peuple).

<http://heparosne.blogspot.com/kwame-nkrumah.html?m=1>.

[https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame\\_Nkrumah](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame_Nkrumah).

<https://escolamz.com./o-nacionalismo-africano.html>.

<http://seminarioc1.blogspot.com/2017/11/a-independencia-de-gana-em-1957.html>

[https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame\\_Nkrumah](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame_Nkrumah)

<https://norteafricano.blogspot.com./>

[https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame\\_Nkrumah](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Kwame_Nkrumah)

<http://seminarioc1.blogspot.com/2017/11/a-independencia-de-gana-em-1957.html>

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/download/49413/34350>.

<http://maltez.info/aaanetnovabiografia/Conceitos/panafricanismo.htm>

<http://seminarioc1.blogspot.com/2017/11/a-independencia-de-gana-em-1957.html>

[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23765/1/2019\\_HarlanGelsonRodriguesDosSantos\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23765/1/2019_HarlanGelsonRodriguesDosSantos_tcc.pdf)

[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23765/1/2019\\_HarlanGelsonRodriguesDosSantos\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23765/1/2019_HarlanGelsonRodriguesDosSantos_tcc.pdf)

<https://www.infoescola.com/historia/descolonizacao-da-africa/>.

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_hist\\_uenp\\_rosemercyavelozodecarvalhoanjos.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_uenp_rosemercyavelozodecarvalhoanjos.pdf).

## **ANEXOS**

## ANEXOS.

*Figura 1 Ilustra KwameNkrumah quanto dizia que a independência do seu país não teria sentido se a mesma não tivesse ligada na libertação de África.*



Fonte: <https://medium.com/ponta-de-lan%C3%A7a/kwame-nkrumah-futebol-e-pan-africanismo-4d97e9ec3581>

*Figura 2-Ilustra Du Bois como um dos percursos do pan-africanismo.*



Fonte: <https://sopra-educacao.com/2021/01/28/william-du-bois-quem-foi-pan-africanismo-legado-vida-e-obra/>



Figura 3- Ilustra Edward-Wilmot-Blyden, considerado por alguns como pai do pan-africanismo.



Fonte: <https://www.thesierraleonetelegraph.com/wp-content/uploads/2017/08/Edward-Wilmot-Blyden.jpg>

Figura 4-Ilustra Joseph BoakyeDanquahAdu como fundador da UGCC.



Fonte: <https://www.thepublisheronline.com/pathologist-swerves-judge-over-ib-autopsy-report/the-late-joseph-boakye-danquah-adu/>